

Intervenções e Limpezas Documentadas no Retábulo e no Cadeiral da Sé do Funchal (Séculos XVI a XX)¹

Documented Interventions in the Altarpiece and in the Choir Stalls of the Cathedral of Funchal (16th to 20th Centuries)

*Isabel Santa Clara*²

*Rita Rodrigues*³

¹ Siglas: ABM – Arquivo e Biblioteca da Madeira; AHDF – Arquivo Histórico da Diocese do Funchal; AMBAM – Academia de Música e Belas-Artes da Madeira; ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo; BNP – Biblioteca Nacional de Portugal; CEHA – Centro de Estudos de História do Atlântico; CMFF – Casa-Museu Frederico de Freitas; DGARQ/ANTT – Direção Geral de Arquivos / Arquivo Nacional Torre do Tombo; DGEMN/MOPHTH – Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais / Ministério das Obras Públicas, Transporte e Habitação; DRAC – Direção Regional dos Assuntos Culturais; DRC – Direção Regional da Cultura; FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; GRM – Governo Regional da Madeira; IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico; MASF – Museu de Arte Sacra do Funchal; MFM-AV – Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente’s; MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga; PJRFF – Provedoria e Junta da Real Fazenda do Funchal; RAM – Região Autónoma da Madeira; SRE – Secretaria Regional da Educação; SREC – Secretaria Regional da Educação e Cultura; SREJE – Secretaria Regional da Educação, Juventude e Emprego; SRTC – Secretaria Regional de Turismo e Cultura; SRTCE – Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração; SRTCT – Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Transportes; UMa – Universidade da Madeira. Abreviaturas: liv. – livro; doc. – documento; inv. – inventário; mç. – maço; mf. – microfilme; n.º – número.

² Nasceu no Funchal em 1951. Concluiu o curso de Pintura na AMBAM, em 1975, e o doutoramento na UMa em 2004, com uma tese acerca da pintura maneirista na Ilha da Madeira. Leccionou na AMBAM, no Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira e na UMa disciplinas das áreas de artes plásticas, de história da arte e de estudos interartes. É colaboradora do ARTIS (Centro de Investigação do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e do CIERL (Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da UMa). Como artista plástica, expõe desde 1973.

³ Nasceu no Funchal em 1960. Doutorada em Estudos Interculturais (2012) e mestre em História / variante História da Arte (2000), pela UMa; licenciada em Artes Plásticas / Pintura pelo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (1986). É investigadora integrada do ARTIS (Centro de Investigação do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e membro do CIERL (Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da UMa). Desenvolve investigação na área da pintura, imaginária e talha dos séculos XVI-XIX, e respectiva encomenda artística no Arquipélago da Madeira. Como artista plástica expõe desde 1982. É docente do ensino secundário do grupo 600 (Artes Visuais) e encontra-se em regime de requisição na Direção Regional da Cultura / Direção de Serviços de Museus e Património Cultural desde 2015.

Resumo

O património artístico e religioso da Sé do Funchal, como é habitual, esteve sujeito a diversos factores de deterioração, desde as adversidades climáticas, às consequências do uso sistemático da cera queimada e a algumas faltas ou excessos de zelo na sua limpeza e conservação. Apesar das grandes perdas de arte quinhentista e das primeiras décadas de Seiscentos, de que há menção na vasta documentação consultada, subsiste, ainda, um significativo espólio artístico, observável *in situ*: o retábulo-mor, o cadeiral, as pinturas de Michiel Coxcie no altar do Senhor Jesus e no altar de Santo António, as pinturas do tecto, a imaginária, etc. Outra parte das obras remanescentes está hoje exposta no Museu de Arte Sacra do Funchal, casos das pinturas flamengas sobre tábua de *Nossa Senhora do Amparo* e da *Ascensão* de Fernão Gomes, do século XVI; da talha *Última Ceia e Camarim*, do século XVII; ou de peças de ourivesaria dos séculos XVI a XIX.

Este artigo centra-se no rastreio das campanhas de obras e intervenções documentadas no retábulo e no cadeiral do altar-mor da catedral, bem como nas referências a obras de beneficiação, a mobilidade de peças e aos pintores e douradores que intervencionaram estas peças.

Para além da bibliografia existente, foi consultada documentação do Cabido da Sé depositada no Arquivo Nacional Torre do Tombo, material disperso no Arquivo Histórico da Diocese do Funchal e parte do arquivo da catedral divulgada pelo padre Pita Ferreira. Os dados recolhidos foram coligidos no intuito de apoiar os trabalhos de conservação e restauro levados a efeito entre 2011 e 2014 pelas equipas do Laboratório de Conservação e Restauro José de Figueiredo e do Departamento de Conservação e Restauro do Instituto dos Museus e da Conservação, em colaboração com o Laboratório HERCULES da Universidade de Évora, e também de facilitar futuras investigações sobre o tema.

Palavras-chave: Sé do Funchal; Retábulo; Cadeiral; Pintura; Talha; Campanhas de Obras; Intervenções.

Abstract

The artistic and religious heritage of the Cathedral of Funchal was affected by several factors of deterioration, as climatic adversities, smoke due to the systematic use of candles, lack or excess of care in its cleaning, often done with abrasive methods, as well as inappropriate techniques of conservation. Despite the great losses of art pieces of the 16th century and the first decades of the 17th, to which the consulted documentation refers, a significant artistic collection remains *in situ*: the main altarpiece, the choir stalls, the paintings of Michiel Coxcie in the altar of Senhor Jesus (Our Lord Jesus) and in the altar of Santo António (Saint Anthony), the ceiling paintings, the sculptures, and so on. Other art pieces of this provenience can be seen at the Museum of Sacred Art in Funchal, as the 16th century Flemish paintings *Nossa Senhora do Amparo* (*Our Lady of Help*) and *Ascensão* (*The Ascension of Jesus*), of Fernão Gomes; sculptures; gilded carved wood panels of a *Última Ceia e Camarim* (*Last Supper*) from the 17th century; gold and silver plate from the 16th to the 19th centuries.

This article aims to track the documentation about the campaigns of works and interventions on the altarpiece of the cathedral and on its main altar choir stalls, as well

as the minor improvement works, the mobility of pieces and the painters and gilders who intervened these pieces.

In addition to the existing bibliography, the authors consulted the Cabido da Sé documentation, at the National Archives Torre do Tombo, material dispersed in the Historical Archives of the Diocese of Funchal and part of the cathedral archives released by Father Pita Ferreira. The purpose of this collected data was to help future investigations on the subject, in addition to supporting the conservation and restoration works carried out between 2011 and 2014 in the cathedral, by teams from the José de Figueiredo Conservation and Restoration Laboratory and the Department of Conservation and Restoration of the Museums Conservation Institute, in collaboration with the HERCULES Laboratory of the University of Évora.

Keywords: Cathedral of Funchal; Altarpiece; Choir Stalls; Painting; Gilded Wood; Construction Campaigns; Interventions.

Introdução

O trabalho de conservação e restauro efectuado, entre 2013-2014, pela oportuna parceria entre a WMF (World Monuments Found), a DRAC (Direcção Regional dos Assuntos Culturais, hoje designada Direcção Regional da Cultura) e a Diocese do Funchal, no retábulo e no cadeiral que subsistem *in situ* na capela-mor da Sé do Funchal, permitiu observá-los sob nova luz, e este nosso contributo mais não faz que acrescentar dados documentais àquilo que os testemunhos materiais dão a ver. Revisitámos a bibliografia dedicada a este tema, articulando-a com a documentação arquivística que coligimos, parte dela inédita, relativa a pagamentos de obras, de limpezas e de restauros. As referências documentais provêm: do Cabido da Sé, fundo depositado na Direcção Geral de Arquivos / Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Lisboa; do Arquivo e Biblioteca da Madeira (antigo Arquivo Regional da Madeira); de algum material disperso no Arquivo Histórico da Diocese do Funchal; e do arquivo da catedral, parcialmente divulgado pelo padre Pita Ferreira, mas, infelizmente, não acessível aos investigadores.

O património artístico e religioso da Sé do Funchal, como o que aconteceu com os demais conventos, igrejas e capelas do Arquipélago da Madeira, esteve sujeito às adversidades climáticas (ventos, chuvas, tempestades, aluviões, inundações e até alguns terremotos), e também à incúria dos homens (clero, confrarias, instituidores, administradores), no que concerne à falta de zelo, limpeza e conservação, como exigia uma «igreja maior» e «principal», como é a Sé referida documentalmente. Do uso sistemático da cera queimada (velas, círios), das candeias, e até do incenso, resultaram

danos substanciais no património devocional, muitas vezes anotado como «antigo», «velho», com «muito uso» e «indecente».

No entanto, é notável o património artístico remanescente da catedral, do qual salientamos: o retábulo-mor, concluído em 1517, e «único conjunto íntegro e *in situ* da arte manuelina portuguesa»⁴; a talha e o cadeiral (1517); o tecto mudéjar das naves central e laterais e do transepto; as lâminas sepulcrais, em pedra e metal; a pia de água benta; o púlpito, em pedra brecha da Arrábida; as pinturas de Michiel Coxcie (Malines, 1499-1592), de finais do século XVI, nos altares do Senhor Jesus (*Encontro de Santa Ana e São Joaquim na porta dourada; A Fuga para o Egípto*, assinada e datada «Michael de Coxcyen / Pictor Regis Pinxit / An.º Mdlxxxl» [1581]; *A Circuncisão e Adoração dos Reis Magos*) e de Santo António (*São Jerónimo; Vocação de São Mateus; São Lourenço; São Francisco recebendo os estigmas*).

Depois da criação da Diocese do Funchal, da elevação da *igreja grande* a Sé (1514) e da sagração do seu altar-mor (1517), dedicado à Beatíssima Virgem Maria e incorporando relíquias dos Dez Mil Mártires⁵, as obras e ornamentação no templo continuaram, ainda no século XVI, tendo D. Manuel I oferecido alfaias de ourivesaria, algumas chegadas já depois da sua morte (1512), como a Cruz Processional, datada de 1500-1525 (MASF56). Também nas centúrias seguintes, a catedral foi recebendo ofertas régias e outras resultantes das encomendas do Cabido, dos instituidores das capelas e altares e das dinâmicas confrarias. Refiram-se apenas alguns exemplos, emblemáticos, que se mantêm no local até aos nossos dias.

Do imaginário madeirense Manuel Pereira é a talha do altar do Senhor Jesus (1677), sendo a fiada superior acrescentada posteriormente (1683-1684 e 1693-1695), empreitada comandada pelo seu sobrinho, o imaginário Manuel Pereira de Almeida, assim como o retábulo do altar de Santo António (1697). De Manuel Pereira deverão ser também as imagens de *São João Baptista* e *São João Evangelista*, no altar de Nossa Senhora de Fátima. De finais do século XVII é a imagem de *São Miguel*, de oficina

⁴ PEREIRA, OLIVEIRA, CARVALHO, SERRÃO, 2017, «O Retábulo da Capela-Mor da Sé do Funchal [...]», p. 37.

⁵ CARITA, 1989, «A igreja da Madeira nos séculos XV e XVI [...]», pp. 331, 336-340, com reprodução, transcrição e tradução do documento. O mesmo autor (2015, *A Sé do Funchal [...]*, p. 336) afirma que o altar é dedicado a Nossa Senhora da Assunção e às Onze Mil Virgens, mas o que o documento refere é a «Beatíssima Virgem Maria» e as relíquias dos «dez mil mártires». Estes são legionários do tempo do imperador Adriano, chefiados por Acácio, que foram crucificados no monte Ararat por não renunciarem à sua fé, cujo culto foi muito divulgado no século XV e início do XVI. A rainha D. Catarina, mulher de D. João III, por exemplo, ofereceu ao Convento de Jesus de Setúbal algumas relíquias destes mártires, conforme documento transcrito em GOMES, 2009, «Sagrados monumentos [...]», p. 67.

nacional, colocado no seu altar, assim como *São Crispim* e *São Crispiano*; e *São Judas Tadeu*, no altar do Senhor do Milagre.

Destaque-se, ainda, do século XVIII: o altar de São José, com a imagem do santo, e mais duas imagens, *Santo Ambrósio* e *Santo Agostinho*; no altar de São Miguel, a sua imagem; a imagem de *Santa Rita de Cássia*, no altar do Senhor do Milagre; os azulejos figurativos, azuis e brancos, na antiga Capela do Amparo; a Capela do Santíssimo, esplendor barroco e típica capela de *arte total* e *bel composto*, ao gosto joanino e josefino; as pinturas da capela-mor (*Nascimento de Cristo*, *Adoração dos Reis Magos*, *Fuga para o Egípto*, *Anunciação*, *Casamento da Virgem* e *Apresentação no Templo*), como setecentista é a pintura do tecto da capela-mor. E, ainda, a *Sacristia dos Cónegos*, cuja talha é dos entalhadores Manuel Pereira de Almeida e Julião Ferreira⁶.

Ao longo do tempo, as Visitações constituíram um dos factores de controlo do estado de conservação das peças, mas também levaram a alterações para adequação às normas de ortodoxia vigentes após o Concílio de Trento. Por seu lado, a substituição de peças degradadas, especialmente imagens e pinturas, foi seguindo opções mais consentâneas com as novas devoções e as mudanças de gosto, conduzindo a sucessivas actualizações e remodelações de altares.

Assim, peças relevantes da catedral foram retiradas, estando hoje conservadas no Museu de Arte Sacra do Funchal⁷, como: o retábulo de *Nossa Senhora do Amparo*, atribuído aos seguidores de Jean Gossaert (dito *Mabuse*), de c. 1543 (MASF19); a *Ascensão*, de Fernão Gomes, de c. 1590 (MASF48); o Camarim, de talha dourada, composto por vários painéis – *Visão e vocação de Isaías* (MASF11), *Agnus-Dei* (MASF10), *Arca da Aliança* (MASF9), *Abraão e Melquisedec* (MASF8); *Fénix em Chamas*, *São João e Cristo na Última Ceia*, *Abraão e os três anjos* e *Pelicano alimentando os seus filhos* (MASF133); *O sonho de Elias* (MASF254), *A Caridade* (MASF7), a *Última Ceia* (MASF346) e uma Estante de Missal (MASF188), obras do imaginário madeirense Manuel Pereira, executadas entre 1648-1654.

Com vista a rastrear as intervenções feitas na catedral, registámos as referências aos diferentes cargos relacionados com a manutenção da igreja e seus pertences,

⁶ MENDONÇA, Isabel, 2015, «As sacristias barrocas da Sé e do Colégio jesuítico do Funchal», pp. 179-212.

⁷ Vide, por exemplo: PEREIRA, CLODE, 1997, *Museu de Arte Sacra do Funchal – Arte Flamenga*; SANTA CLARA, 2004, *Das coisas visíveis às invisíveis [...]*, vol. I, e *Imagens – Tábuas cronológicas*, vol. II; SOUSA, PINTO, 2009-2010, *Obras de referência dos Museus da Madeira [...]*; SOUSA, 2014, *Madeira, do Atlântico aos Confins da Terra [...]*; PEREIRA, SOUSA, 2017, *As Ilhas do Ouro Branco [...]*; SERUCA, 2019, *A Cruz Processional da Sé do Funchal*.

e respectivas funções, a obras de pavimentação, a encomendas e renovações de cortinados, a limpezas, a ornamentação e armações em ocasiões festivas e a obras decorrentes de danos ocasionados por temporais e sismos. Por fim, abordaremos os dados que dizem respeito a obras gerais de manutenção que possam ter tido incidência no património artístico e a intervenções específicas neste, sobretudo no caso do retábulo e do cadeiral do altar-mor.

Zeladores e demais Cargos de Manutenção

Os responsáveis pela limpeza e manutenção dos altares na Sé eram os altareiros, os sacristães, os zeladores, os mordomos, os andantes e, por vezes, os armadores, que tinham ordenados anuais, fixos, pagos pela fábrica e pelas respectivas confrarias. As suas incumbências eram limpar e espanar o pó, tirar as teias de aranhas, enxotar os animais do interior da igreja, das sacristias e do adro, sendo esta tarefa específica do perreiro, e também «lavar» os quadros e painéis e cobrir os retábulos com os seus cortinados, de acordo com os calendários litúrgicos. Estas tarefas foram também atribuídas aos tesoureiros, como se verifica em 1585, nas *Constituições Sinodais do Bispado do Funchal*:

«E cada sabado os ditos thisoueiros alimparão muito bem os altares, sacudindo as toalhas, frontaes, & panos que nelles estiverem, & os retauolos do poo, mayormente onde estiver o Sanctissimo Sacramento, & alimparão os castiças, galhetas, & alampadas, & tellas hão sempre limpas & prouidas de bom azeite & seus pavuios»⁸.

Cabia ao altareiro especialmente zelar pelos altares – limpar, espanar e consertar – e pelas alfaias litúrgicas, e ainda cuidar da ornamentação. O cargo de altareiro da Sé do Funchal foi criado pelo bispo D. Jerónimo Barreto (1573-1585), que «fez com que se criasse hum Altareyro, Ministro subalterno do Thezoueiro mor»⁹, mas só em 1589 ficou registada a provisão da sua criação e mantimento, pelo bispo D. Luís de Figueiredo Lemos (1585-1608)¹⁰. Em 1590, o visitador advertiu ao sacristão e ao altareiro para que cumprissem dignamente as suas funções¹¹, ficando notificado para

⁸ *Constituições Synodaes do Bispado do Funchal, Feytas & ordenadas por Dom Ieronymo Barreto Bispo do dito Bispado [...]*, 1585, p. 128.

⁹ NORONHA, 1996, *Memórias Seculares e Eclesiásticas [...]*, [1722], p. 147.

¹⁰ DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 1, doc. 1.

¹¹ DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal, Provimto de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 9.

que «não barra a see sem prim[ei].¹⁰ a aguar e serrarem as cortinas dos retabollos»¹², sendo obrigação do «sanchristão cerrar as cortinas quando ouver de barrer a see e tornalla a abrir e espanar os altares e cadeiras do choro depois de barrida e ser obrigação do sineiro aguar e barrer»¹³. Em 1591 voltou a reforçar que havia

«nelles faltas porq[ue]. o sãocristão vee mal a See, q[ue]. ordinariamente administra na sancristia [...] q[ue]. não alimpa os altares, nê[m] os conserta e prega, trás os sanguinhos, e corporaes sujós não dá a ropa a lavar a seu tempo, tendo nos dado a See lavadeira nê[m] se aceza a alampada», acusando, ainda, o altareiro de não assistir à missa na credência, «não tomando se não a pax»¹⁴.

Em 1601, o sacristão devia ter «melhor cuidado dos altares de fora e os espane todos os dias [...] e orne bem os frontais e toalhas [...] e mande arear os castiças de arame e estanho do altar Môr»¹⁵.

O altareiro está bem documentado na Sé do Funchal desde 1597, auferindo quatro moios de trigo (1626, 1627); \$470 réis (1641); cinco arrobas de cera para os altares (1647)¹⁶; 6\$000 réis em dinheiro, um moio de trigo e duas pipas de vinho (1722)¹⁷. Em 1692, nos provimentos do bispo sobre faltas da Sé, o altareiro foi condenado em um cruzado por «servir mal», o sacristão em «tres cruzados por ter servido tão mal» e o sineiro em «hũ cruzado por varrer mal a See»¹⁸. Todas as capelas e altares da catedral tinham os seus altareiros como provam os pagamentos dos seus ordenados pelas confrarias, sendo alguns deles estudantes¹⁹. O cargo de altareiro da

¹² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimento de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 9v.º; TEIXEIRA, 2003, «O retábulo-mor da Igreja Grande do Funchal», p. 55, nota 11.

¹³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimento de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 9v.º; TEIXEIRA, 2003, «O retábulo-mor da Igreja Grande do Funchal», p. 55, nota 11.

¹⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimento de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fls. 17v.º-19. O altareiro tinha o dever de assistir as todas as missas conventuais na credência ou em algumas das cadeiras de baixo, mais chegadas ao degrau do altar.

¹⁵ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimento de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 30v.º.

¹⁶ A profissão de altareiro surge em alguns registos de Baptismos (ABM, Sé, *Baptismos: 1597-1697*, liv. 13; ABM, Sé, *Baptismos: 1632-1667*, liv. 16). Os ordenados dos altareiros estão em diversa documentação da fábrica da Sé e das confrarias, juntamente com pagamentos aos tangedores e tocadores (de órgão, de rabeção, de harpa), moços do coro, mestre-capela, porteiro, sineiro, cerieiro, escrivão, etc.

¹⁷ NORONHA, 1996, *Memórias Seculares e Eclesiásticas [...]*, [1722], p. 150. Há erro na transcrição da palavra, em vez de perreiro está ferreiro (pp. 147 e 150), mas Nelson Veríssimo, que utilizou o manuscrito, cita correctamente «perreiro». VERÍSSIMO, 2000, *Relações de Poder na Sociedade Madeirense do século XVII*, p. 359, nota 33.

¹⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica – Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 3.

¹⁹ Vide documentação publicada por RODRIGUES, 2012, *A Pintura Proto-Barroca e Barroca no Arquipélago da Madeira entre 1646 e 1750 [...]*, tomo II, «Anotações sobre conservação e limpeza de retábulos e pinturas (1600-1800)», pp. 101-141, e Anexo F (Tábua Cronológica, 2. Anotações sobre conservação e limpeza de retábulos e pinturas: 1600-1800), pp. 1-108.

Sé foi listado, em 1693, juntamente com outros ministros e dignidades, na *Carta da Visita Ad Limina* enviada ao Papa pelo bispo do Funchal²⁰.

Segundo Raphael Bluteau, altareiro é o «que tem a sua conta a limpeza & ornato dos altares. [...] Nas Igrejas Matrizes de Portugal há o Altareiro da Sé. Bom altareiro chamão ao Clerigo que tem boa voz para o altar. As Freiras costumam pedir Frades bons altareiros»²¹. Cândido de Figueiredo define altareiro como «Aquelle que é beato. Aquelle que tem tendência para serviços de igreja. Aquelle que tem a seu cargo a limpeza dos altares. («De altar»)²².

Quanto ao perreiro, Raphael Bluteau afirma que «algumas Igrejas de Portugal, & Castella he o que tem cuidado de lançar os perros fora da igreja. Canum Expulsor»²³, e Cândido de Figueiredo explicita que é o guarda de matilha («De perro»)²⁴. A função do perreiro numa igreja era a de enxotar os cães e outros animais do seu interior, das sacristias e dos adros ou dos terrenos próximos, varrer os adros, limpar as imundices e garantir a limpeza e higienização, salvaguardando o património, como se verificou na Sé do Funchal, onde além dos cães expulsava também porcos. No entanto, encontramos negros a varrerem e limparem regularmente o adro da Sé durante o século XVII²⁵. O adro era entendido como espaço fronteiro e limítrofe entre o sagrado e o profano, não devendo ser profanado e sendo

«assinallado e distinto conforme o direito e não ocupado com as cousas profanas, monturos, esterqueiras, e outras cousas não decentes. E se fazem nelle audiencias seculares ou outros actos Judiciais, ou comem, bebem, cantão, balhão, fazem jogos e representações contra as Constituições 6 e 9 do Título 17»²⁶.

A catedral funchalense teve perreiro pelo menos desde 1526²⁷, profissão bem documentada no século XVI. Entre 1581 e 1583 era seu perreiro Bento Álvares, sapateiro,

²⁰ Havia na Sé 47 ministros, 5 dignidades, 12 prebendados, 4 meios-prebendados, 1 subchante, 20 capelães e 1 deles mestre-de-cerimónias, 2 curas, 1 sacristão, 1 altareiro, 1 organista, 1 mestre-capela, 6 moços do coro, 1 porteiro de massa e 1 sineiro. ABM, AHDF, *Carta da Visita Ad Limina*, 26 de Setembro de 1693, mf. 670.

²¹ BLUTEAU, 1713, *Vocabulário Português e Latino* [...], vol. I (A), p. 286.

²² FIGUEIREDO, 1913, *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, p. 94.

²³ BLUTEAU, 1713, *Vocabulário Português e Latino* [...], vol. VI (O), p. 444.

²⁴ FIGUEIREDO, 1913, *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, p. 1532.

²⁵ Os negros limpavam o adro, a «secretaria» e a caleira; sacudiam as alcatifas; traziam as ramas; tangiam os sinos; transportavam bancos, peanha e castiçais para a Igreja de São Pedro, que deveriam ser emprestados para as festas. DGRQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena – 1609-1703*, liv. 7.

²⁶ AHDF, *Regimento de Visitadores para o Bispado do Funchal*, 8 de Fevereiro de 1589, doc. avulso. Este documento está integralmente transcrito em TRINDADE, 1999, *A Moral e o Pecado Público no Arquipélago da Madeira* [...], pp. 171-182.

²⁷ VERÍSSIMO, 2000, *Relações de Poder na Sociedade Madeirense do século XVII*, p. 359, nota 33.

que recebia anualmente 2\$000 réis, pagos «por quartéis», recebendo, então, \$500 ou 1\$000 réis. A sua mulher, em 1583, recebeu o respectivo pagamento, possivelmente por estar doente ou já ter falecido Bento Álvares²⁸. Em 1722, por exemplo, a fábrica da igreja pagou 4\$000 réis de ordenado ao perreiro, determinando-lhe que lançasse fora os cães que circulavam na igreja e no adro²⁹. No século XVIII, o perreiro, além de limpar e desentulhar o adro, fazia pequenos recados como levar e trazer missais que tinham sido consertados, transportar estrados e a lâmpada da casa do «Prat[eir].º João Hiacinto», por cujo serviço específico recebeu \$50 réis³⁰.

Obras de Pavimentação

Um dos factores que concorreu para a deterioração e perda de testemunhos artísticos prende-se com o descuidado tratamento do pavimento do templo, por parte dos vigários, que muitas vezes não cumpriam as orientações da diocese e das Constituições Sinodais, no que concerne à decência e decoro do templo ao culto divino, assim como não aplicavam as multas correspondentes, mas também por parte dos fregueses, instituidores, proprietários, herdeiros e administradores das sepulturas, que não repunham devidamente o pavimento e respectivas coberturas dos túmulos, havendo regularmente quezílias e demandas, com longos processos. As sepulturas eram regularmente abertas para os sucessivos enterramentos, o que causava levantamento de poeiras que obrigavam a lavar, limpar e espanar os altares e painéis, como pulverizar o chão com água («aguar»), nos períodos mais quentes, enlameando o chão. Por isso, desde finais do século XVI que era ordenado o lajeamento dos templos madeirenses, e entre 1568 e 1569, o bispo D. Fernando de Távora determinou que não se enterrasse ninguém na catedral sem antes pagar um cruzado à fábrica da Sé³¹ (Figs. 1 a 3).

²⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fls. 139v.º, 140v.º, 144v.º, 145 e 149.

²⁹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fl. 11.

³⁰ Documentado em DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de receita e despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv. 8, fl. 103v.º.

³¹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, mç. 9, doc. 7.

Figuras 1 a 3 – Lâminas Sepulcrais em bronze gravado representando um casal, século XVI, de oficina flamenga, no pavimento da nave lateral norte da Sé do Funchal



Fonte: fotografias de Roberto Pereira / DRC, 2002.

Tomando como exemplo a Igreja de São Bento, na Ribeira Brava, em 1599 e 1685, para a qual ficou bem explícito que era responsabilidade dos proprietários das sepulturas o seu conserto, sob pena de as perderem³², podemos deduzir que a situação deveria aplicar-se aos restantes templos da ilha. Todavia, nos séculos XVII e XVIII algumas igrejas madeirenses ainda continuavam com chão de terra. É o caso da Igreja de Santo Antão, Matriz do Seixal, que em 1689 estava «ainda alguma p[ar].^{te} por lagiar»³³, cuja obra só seria provida em 1695³⁴, ou mesmo a Igreja de São Pedro, no Funchal, cuja sacristia seria lajeada apenas entre 1694-1695: «d[inhei]r.^o q[ue] paguei aos oficiais q[ue]. lagearam a sanchristia asi da tirage da pedra como de lavar e assentar»³⁵. Outro caso significativo é o da Igreja Matriz de Santana, onde em 1745 se ordena que

«se lage a Igreja na parte que está em terra [...] [porque] tinha o pavimento de terra solta [...] [e] [...] com o vento que entrava pela porta enchia os altares e santos de pó, com grande indecência, pello que necessitava de ser lagiada [...] de que resultava quotidianamente levantar-se muito pó, que destruía o dourado dos retabolos e pinturas das imagens, como tambem outras de ornato da mesma igreja que hera hum dos bons templos das freguesias do Norte da Ilha ás custas da Real fazenda»³⁶.

Apesar da importância do lajeamento, havia descuido em algumas obras que «por esquecim[en]t.^o do orçamento se não fez menção do lagiado da dicta Igreja», como aconteceu, entre 1708 e 1710, na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, na Serra de Água³⁷.

A Sé do Funchal foi das primeiras igrejas a ser lajeada³⁸ e, na segunda metade do século XVI, há já referência a concertos no pavimento lajeado. Assim, em 1579, a 26 de Novembro, foram pagos \$560 réis «em concerto do lageamento da See»³⁹ e, em 1699, outros gastos foram, novamente, feitos com o lajeamento que «se endireitou na capela-mor e tabuleiro»⁴⁰, obra dos pedreiros Manuel Fernandes e Gaspar Ferreira e dos carpinteiros Francisco Rodrigues Reis, Domingos de Sousa, António de Freitas e António Fernandes (Fig. 4).

³² AHDF, Ribeira Brava, *Provimentos e Visitações*.

³³ AHDF, Seixal, *Visitações e Provimentos: 1591-1703*, fls. 69-70.

³⁴ AHDF, Seixal, *Visitações e Provimentos: 1591-1703*, fl. 73.

³⁵ AHDF, São Pedro, liv. 41, fl. 47.

³⁶ DGAQR/ANTT, Conselho da Fazenda, liv. 314, fls. 105-106.

³⁷ DGARQ/ANTT, PJRFF, liv. 388, fls. 255-256.

³⁸ Seguindo-se, possivelmente, a Igreja Matriz de Machico, que entre 1535-1536 estava a ser lajeada com pedra de Câmara de Lobos. RODRIGUES, 2018, *Igreja de Nossa Senhora da Conceição*, p. 19.

³⁹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv 6, fl. 132v.^o.

⁴⁰ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena – 1609-1703*, liv. 7, fls. 314-314v.^o.

Figura 4 – Lâminas Sepulcrais no pavimento da nave lateral norte da Sé do Funchal



Fonte: fotografia de Roberto Pereira / DRC, 2002.

No século XVIII, entre 1753 e 1789, são mencionadas muitas obras de «estradamento», não sendo muito explícitas as diferenças entre lajear e estradar, associando-se à primeira o cobrir com pedra, e à segunda, com madeira, mas na própria catedral funchalense os dois termos surgem juntos quando Domingos Afonso Barroso refere «estradarse e lagearse a dita Igreja [da Sé]»⁴¹, em 1755, cujo pedido vinha de 1754⁴², por estar indecente e desfeito o antigo lajeado. A vistoria, para a elaboração do orçamento, caberia a Manuel Teixeira de Castro que, impedido por moléstia, fora substituído por António Lopes de Oliveira e pelo capitão engenheiro mestre das obras reais, Domingos Rodrigues Martins, que procederam «á vistoria no pavimento da dita catedral»⁴³. A obra foi arrematada na sala dos contos, a 20 de

⁴¹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica – Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 15.

⁴² Embora numa nota se leia: «D[oming].^{os} G[onçal]z[es] Rocha de 5 de Nov[em].^{bro} de 1753 athe 3 de Dez[em].^{bro} de 1756». O capitão Domingos Gonçalves da Rocha era o recebedor da obra. DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica – Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 15.

⁴³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica – Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 15. DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fl. 134v.º. DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv. 8, fls. 187-187v.º.

Abril de 1755, a «Christovão Gomes de Souza Mestre de Carpinteiro, e que serve na Caza dos Vinte e Quatro de presente», com fiança de Manuel de Jesus da Costa, morador ao Torreão (Funchal), sendo a primeira verba de 349\$966 réis e a segunda tranche paga a 9 de Maio do mesmo ano depois de efectuada «vestoria, e se achou feita com perfeição mais de meya obra». A obra total somou 1.059\$760 réis e incluía o lajeamento do corpo da igreja e do cruzeiro até à porta principal, onde seriam consumidos chaprões de pinho no valor de 589\$560 réis e o lajeamento da coxia custaria 210\$000 réis, sendo aproveitado o lajeado de pedra mais capaz do corpo da igreja para ser assentado na entrada da porta principal, gastando-se apenas 55\$000 réis. Os estrados seriam suportados com travessas de castanho de forma a não fazerem movimentos e, nas partes das sepulturas, seriam pequenos e levadiços com travetas grossas de castanho, onde se gastariam 108\$800 réis, ficando os mesmos estrados lavrados e aplainados por cima e feitos com boas juntas, todos bem unidos, assentados sobre o lajeado velho de pedra, que custariam 96\$400 réis. Em toda a obra de lajeamento verifica-se certa mistura de materiais, parte de pedra e outra de madeira. No ano de 1758 e por «resulçam do R[everen].^{do} Cabido se mandou, q[ue]. atendendo a danificação, e desmancho, com que se achava o lagiado da Igreja todo quebrado, e cheio de covas q[ue]. M[ui].^{tos} se percipitavam pellas quedas continuas», por isso, por disposição do capitão engenheiro Domingos Rodrigues Martins com obra arrematada pelo mestre das obras Cristóvão Gomes, foram feitos:

«estrados, athe a p[rimeir].^a nave abaxo do púlpito, p[a].^{ra} o q[ue]. foi orçado hū conto, e cem mil rs [...] e feito requer[i]m[en].^{to} ao Provedor da Real fazenda M[anu].^{el}. Teix[eir].^a de Castro, para efeito da dita obra pela p[art].^{te} que tocava ao que sua M[a]g[esta].^{de} Fidalici.^{ma} mandou dar a R[everen].^{da} Fabrica da vaga do Bispado, mandou o dito Menistro por em praça a referida obra e ordenou o R[everen].^{do} Cabido fosse arrematada por conta da R[everen].^{da} fabrica por rezam de se poder acrescentar o q[ue]. não foi orçado que era da nave referida, [a]the a porta principal que se achava feito»⁴⁴.

Em 1789, e sob ordens do padre João Paulo Berenguer, foram executadas «obras do Estradamento da Sé», e mais obras na capela-mor devido à existência de frestas, custando 1.148\$840 réis⁴⁵, e a 15 de Fevereiro de 1800 o mestre pedreiro Manuel dos Santos recebeu 1\$200 réis por «lajiar o lugar em que se assentou o Altar [das Almas]»⁴⁶. Mas já em 1754, a Sé tinha «necess[ida].^{de} de ser estradada, por ser [ter?] m[ui].^{tas} covas»⁴⁷.

⁴⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fl. 134v.º.

⁴⁵ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv. 8, fls. 187-187v.º.

⁴⁶ DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 23, doc. 33, fl. 27.

⁴⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica – Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 14.

Na sequência de epidemias, o governador José António de Sá Pereira escreveu aos párocos das freguesias rurais uma carta, a 10 de Julho de 1768, recomendando os enterramentos no exterior das igrejas e a desinfecção das mesmas. No entanto, o primeiro cemitério da ilha só foi construído em 1817, no Funchal⁴⁸.

É evidente que o pó levantado aquando das sucessivas aberturas das sepulturas e obras de lajeamento, ao longo dos séculos, contribuíram para uma acumulação espessa de partículas de poeiras na talha dourada, pintura e imaginária da catedral, como se verificou durante os restauros do altar do Senhor Jesus (1996-1997)⁴⁹ e do retábulo-mor e cadeiral (2013-2014)⁵⁰, a que adiante voltaremos.

Fotografias de finais do século XIX documentam que o pavimento da Sé foi todo assoalhado, ficando mesmo cobertas as sepulturas antigas⁵¹ (Fig. 5).

Figura 5 – Interior da Sé do Funchal, c. 1895, fotografia de Aloísio César de Bettencourt, negativo, gelatina sal de prata, 12,6 x 19 cm



Fonte: MFM-AV, em depósito no ABM, Aloísio César de Bettencourt, n.º inv. 36.

⁴⁸ CARITA, 2016, «cemitérios».

⁴⁹ Conservação e restauro executados, entre Setembro de 1996 a Abril de 1997, pelas conservadoras-restauradoras Leonor Leitão e Georgina Garrido.

⁵⁰ Conservação e restauro executados pelo Laboratório de Conservação e Restauro José de Figueiredo, Departamento de Conservação e Restauro do Instituto dos Museus e da Conservação e Laboratório HERCULES da Universidade de Évora.

⁵¹ Sobre as sepulturas da Sé do Funchal vide: SILVA, 1936, *A Sé Catedral do Funchal – Breve notícia histórica e descritiva*; FERREIRA, 1963, *A Sé do Funchal*; AVELLAR, 2003, «Epigrafia e iconografia na Igreja de Santa Maria Maior do Funchal», pp. 72-83; CARITA, 2015, *A Sé do Funchal: 1514-2014*; CARITA, 2016, «lápides sepulcrais».

Cortinados

As encomendas e pagamentos de cortinas e cortinados estão amiúde documentados. Aferimos, através da documentação consultada, que houve sempre o cuidado de manter as cortinas do retábulo-mor, e dos outros altares e capelas, em bom estado de conservação, pois cobrir os altares, oratórios, sacrários e retábulos com panos, cortinas e cortinados de diferentes cores, para além dos valores simbólicos subjacentes aos períodos e festividades religiosas, e da sua função decorosa, concorria para uma melhor preservação das talhas, imagens e pinturas das poeiras e fumos comumente existentes na catedral. Estas cobertas, compradas pela fábrica da Sé e pelas diversas confrarias, eram simples ou anotadas, por vezes, como «cortinas ricas»⁵², ocasionalmente brocadas e lavradas a prata e ouro, e eram importadas de Lisboa ou de outros locais como Flandres, Ruão⁵³, Holanda, Granada, Valência e Veneza.

Uma descrição, datada de 1629, revela materiais e modo de organização das cortinas no altar-mor da Sé:

«Título da prata e ornamentos, e mais fazenda que o subtoureiro tem em seu poder – umas cortinas de lenço branco velhas do mesmo retábulo-mor em quatro partes – outras cortinas pretas de lona muito velhas do mesmo retábulo-mor – outras cortinas em quatro partes do mesmo altar de lona roxa que servem na Quaresma [...] tem umas cortinas novas do retábulo do altar-mor de Ruão fino com quatro partes franjadas pelos bordos e cosidas com verdes pelas costuras dos panos d’alto a baixo. Item umas cortinas antigas de lona roxas do retábulo do altar-mor em 4 partes que servem no tempo da Quaresma [...] tem quatro cortinas de Ruão alvo do retábulo do altar-mor. Item 4 cortinas de lona roxas já muito velhas do mesmo altar»⁵⁴.

Aquando do Sínodo Diocesano em 1680, a 9 de Junho, sendo bispo D. Frei António Teles da Silva, ficou descrito o esplendor do altar-mor, como os tecidos finos dos cortinados:

«O altar maior da Sancta See, que por sua Magestade, e grandeza escuzava alheio adorno, contentio em occasião de tanta pompa, que o esmaltassem finas, e ricas sedas de diversas, e vistozas cores repartidas em artificiosa correspondencia, rematandose nos tres nichos que tem no meio com imagens de vulto a que acompanhavão ricos sítiais e preciosas cortinas, dando a tudo maior lustre, resplendor, e suavidade a composição dos castiçaes, e cirios, e a variedade dos ramalhetes, e a fragrância dos aromas.

⁵² Em 1781, na Confraria de Nossa Senhora do Amparo. DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Confraria de Nossa Senhora do Amparo: 1626*, liv. 27, fl. 68.

⁵³ Exemplo são «Humas cortinas de Ruão brancas com que se cobre o retabolo q[ue]. está na sanchristia», registadas a 12 de Novembro de 1629. DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Inventário de Prata e Ornamentos: 1590-1685*, liv. 34, fl. 107.

⁵⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Inventário de prata e ornamentos: 1590-1685*, liv. 34, fls. 96v.º e 106; TEIXEIRA, 2003, «O retábulo-mor da Igreja Grande do Funchal», p. 55, nota 12.

Levanta se a Capella mor em grande, e proporcionada altura de abobada sobre arcos, [...] mas apesar da natureza do sitio, foi occupada pelo tecto ate o remate dos arcos, de sedas rozadas, asuis, e cor de ouro, que formavão huma bem ordenada companhia, em cujos claros se demisavão tres quadros de cada banda guarnecidos curiozamente de laços, e rozas de sedas alegres servindo como de guardas a quatro columnas, cujas bases, e capiteis nam estavam menos firmes, que armados.

O campo das paredes inferior aos arcos, e columnas, não podendo rezistir a tanto aparato, se cobrio todo de panos de damasco carmesim orlados de amarello com florões de seda azul, e pello meio rebentava em folhagens cor de ouro.

Guarnese o arco da capella mor huma renda feita de pedra com exquesita admiração da arte, mas esta não se lhe valeu para deixar de se render a hum tropel de sedas ligeiras, e flammantes, que enleadas na fineza da renda, havendo muitos annos que se namtinham visto, lhe davão affeitozos abraços.»⁵⁵.

Voltaremos mais adiante à descrição destes três nichos através do testemunho de Henrique Henriques de Noronha, de 1722.

Muitas vezes os cortinados vinham já armados, mas quase sempre eram os alfaiates e «vestimenteiros» regionais responsáveis pelos «feitos», «aviamentos», concertos ou «arremendar». Regista-se a utilização de tecidos como: o damasco⁵⁶; damasco de ouro; damasco guarnecido a prata; damasco brocado; seda; cetim; cambraia⁵⁷; bocaxim⁵⁸; algodão; bergantil⁵⁹; olandilha⁶⁰; tenilha⁶¹; tafetá; tela, entre outros. As sanefas eram geralmente de damasco de ouro, damasco, veludo, tenilha e tela.

⁵⁵ BNP, Tarouca, 150, «Relação do Synodo diocesano, que se celebrou na Sancta See da Cidade do Funchal da Ilha da Madeira». Agradecemos a informação deste documento à Doutora Ana Cristina Trindade e ao Mestre Bruno Abreu Costa.

⁵⁶ É um tecido de «Seda de Lavoires, entre tafetá, & raso, assi chamado, porque a sua invenção veyo da cidade de Damasco. Há Damasco de seda de Castella, & Italia, & Damasco da India ordinários; Damasco tecido com ouro, & prata». BLUTEAU, 1713, *Vocabulário Português e Latino* [...], vol. 3 (D), p. 76; «Tecido de seda com tafetá, fabricado primitivamente em Damasco». FIGUEIREDO, 1913, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 566.

⁵⁷ É um tecido fino ou transparente, de linho ou algodão («cambraia», 2008-2020, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha]).

⁵⁸ «Certo panno de linho, pisado a modo de panno de lãa, que se costuma tingir de várias cores.» BLUTEAU, 1713, *Vocabulário Português e Latino* [...], vol. II (B), p. 137; «Entretela; tarlatana». FIGUEIREDO, 1913, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 288.

⁵⁹ Tecido importado do Norte de África ou da Ásia. CARITA, 1988, *O Colégio dos Jesuítas do Funchal*, vol. I, p. 197, nota 266.

⁶⁰ Ou «olhandilha». É o «mesmo que farricoco» ou «alusão ao pano desse nome, usado talvez por farricocos ou em armações fúnebres». FIGUEIREDO, 1913, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 1413. Farricoco é o indivíduo que leva os caixões aos ombros nos enterros, normalmente vestindo hábito escuro, capuz e cara tapada («farricoco», 2008-2020, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha]).

⁶¹ «Tecido riscado de estopa, linho ou algodão» («tenilha», 2008-2020, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha]).

Os cortinados cobriam os respectivos altares, sendo abertos nos dias festivos dos santos e padroeiros, ou nas festas religiosas mais relevantes como o Natal, a Páscoa e o Dia dos Fiéis Defuntos⁶², com as cores correspondentes às festas religiosas. Ficou advertido na Visitação de 1591 que «daqui em diante as tais festas se celebrem com solemnidade devida, e abram todas as cortinas de retabolo, ponham cirios dobrados e incensem o altar [mor] no principio da missa», acusando o visitador que a Sé «não incensa o altar-mor» nos dias festivos⁶³. Na Visitação de 1596, o visitador lembrou às confrarias e aos mordomos que não podiam tirar nem emprestar «os remates e peças dos retabolos pera armações e outras cousas em que se danão muito, nem os alampadarios de prata, nem menos armem as paredes da see com rama, ou outra armação que a danifique»⁶⁴, o que causava danificação nas paredes da igreja, ficando sublinhado que «antes vemos que vay crescendo demasia, por q[ue]. a tee as cortinas dos retabolos, e frontaes ricos dos altares emprestão pera armações de paredes, e os de mais das festas principais por esta causa ficão os retabolos nus sem suas cortinas»⁶⁵.

Em 1763, um armador armou o altar-mor e cobriu os quadros, por 3\$000 réis⁶⁶, e, em 1778, outro armador recebeu \$100 réis por colocar panos azuis no retábulo-mor⁶⁷. Muitas vezes os altares eram apenas tapados com panos durante as limpezas de varrer e espanar, como se verificou em 1857: «Din[hei]r.º a 2 serventes por meio dia de trabalho no Sabado do Carmo de tirar os Santos, ajudar a quem tapou os Altares, e barrer a Igreja»⁶⁸.

Em 1578, «duas cordas de linho» destinaram-se às cortinas do altar-mor, «que pagou aos mordomos do santissimo sacramento zanobio achaiole e fr[anc]is.º de Salamanca por hũas cortinas de tafetá e hũ frontal de chamalote⁶⁹ preto que

⁶² Em 1584, a 31 de Outubro, por exemplo, a fim de ser preparada decentemente a procissão do «dia dos finados», o reverendo António Marinho pagou \$670 réis a dois homens e a um boieiro que andaram três dias limpando «os adros e a cerca da see». AHDF, Sé, *Fábrica da Sé: Recebimento e Despesa: 1580-1596*, liv. 57, fl. 127 (?).

⁶³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimto de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 17v.º.

⁶⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimto de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 17v.º.

⁶⁵ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimto de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fls. 28v.º-29.

⁶⁶ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fl. 191.

⁶⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv. 8, fl. 98v.º.

⁶⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Contas II*, mç. 24, doc. 7.

⁶⁹ É «hum tecido de pellos de camelo [...] este tecido se faça de pello de certa casta de bodes. [...] Tambem há chamalote de lãa, sem agoas». BLUTEAU, 1713, *Vocabulário Português e Latino [...]*, vol. II (B), p. 268; «Tecido de pêlo ou lan, geralmente com seda». FIGUEIREDO, 1913, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 419.

venderão a See»⁷⁰. A 2 de Fevereiro de 1583 foram compradas dez argolas de ferro para o retábulo do altar-mor, provavelmente para suportar os cortinados⁷¹. No início do século XVII, em 1604 (?), despendeu António Marinho 9\$226 réis, por ordem do bispo, para a aquisição de cortinas vermelhas e outras pretas para o coro e esteiras para o altar-mor⁷², e neste ano (?) refere-se «um pavilhão que se fez pera o sacrário»⁷³.

O pavilhão de tecido ornamentado que cobre o sacrário realça a devida veneração a este elemento onde se guarda a Sagrada Eucaristia. Para além disso, em 1644, a 30 de Agosto, o inventário do tesoureiro-mor Pedro de Florença lista o cofre das «sagradas relíquias»⁷⁴ no sacrário do altar-mor, anotação repetida a 15 de Junho de 1654, por António Gonçalves de Almeida⁷⁵, tesoureiro, que em 1682, a 14 de Outubro, reforça que as chaves deste cofre estão guardadas pelo prelado⁷⁶. Um documento de 31 de Dezembro 1798 identifica as relíquias que se guardavam no sacrário do altar-mor: um osso do São Próspero Mártir; um osso de São Benigno Mártir; um bocado de pedra do sepulcro de Santa Iria; um cofre onde estão várias relíquias de santas mártires e virgens e uns bocados de ossos de santos mártires; um osso de São Pedro «iluminato»; um osso de São Celestino mártir; «Huma Imagem Milagroza de S[an]t.º Ant[oni].º»; «Hum re[li]cario de prata com osos de S[an]t.ª Ana com sua authentica»; «Hum Relicario de prata de S. Tiago Padroeiro»⁷⁷.

Em 1746, 68\$660 réis «importarão tres pares de Cortinas de Damasco roxo q[ue]. fez em L[ix]bo.ª o vestimenteiro Francisco de Sousa por ordem do Ex.º S[e]n[ho]r. Bispo para os tres nixos do retabulo da Capela Mor da Sê»⁷⁸, e em 1802 o feitio dos cortinados para o altar-mor custou 1\$200 réis⁷⁹.

Até data recente continuavam a usar-se cortinados, como se pode comprovar através de fotografias (Fig. 6). Para além dos altares, retábulos e imagens, também os órgãos da Sé tinham cortinas para a sua conservação, como atesta a despesa de 2\$470 réis registada em 1582 para umas cortinas, acabadas e com tudo o necessário⁸⁰.

⁷⁰ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fls. 107v.º e 123.

⁷¹ ABM, ANTT, *Fábrica da Sé*, mf. 11, fl. 107.

⁷² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fls. 102-103.

⁷³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 103.

⁷⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Inventário de prata e ornamentos: 1590-1685*, liv. 34, fl. 5.

⁷⁵ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Inventário de prata e ornamentos: 1590-1685*, liv. 34, fl. 8.

⁷⁶ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Inventário de prata e ornamentos: 1590-1685*, liv. 34, fl. 13.

⁷⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, mç. 10, doc. 20.

⁷⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fl. 63.

⁷⁹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, mç. 23, doc. 35, fl. 15.

⁸⁰ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 141.

Figura 6 – Vista da Nave Central da Sé do Funchal, com cortinados no cruzeiro, junto à capela-mor, 1950-1960, negativo, gelatina sal de prata



Fonte: MFM-AV, em depósito no ABM, Perestrellos Photographos, n.º inv. 3887.

Limpezas

A vasta documentação atesta que havia cuidados para manter a catedral decente e bem conservada, no que concerne a limpezas, utilizando água, tonéis e «pipas de águas das fontes», sabão, soda, «cascas de cocos», escovas, «escovas de cabelos», vassouras de palmas, de urzes e de «piaçá», «sacas de linhage»⁸¹ e de pano, farelo, etc., A soda, por exemplo, era explicitamente usada para «tirar nódoas de azeite do chão da Igreja»⁸². No entanto, muitas vezes as limpezas eram feitas com recurso a materiais e técnicas inapropriados, que contribuíram para maior danificação das pinturas, imaginária e talha dourada e policromada, com perdas e desgastes das policromias originais e apodrecimento das madeiras, suportes das pinturas ou das próprias esculturas, painéis e retábulos, sendo prática regular, no século XIX, as lavagens dos painéis, retábulos e pavimentos de toda a catedral, acentuando, assim, a sua maior degradação⁸³ (Fig. 7).

⁸¹ Linhage é um tecido de linho grosseiro.

⁸² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Contas II*, mç. 24, doc. 12.

⁸³ Vide documentação divulgada por RODRIGUES, 2012, *A Pintura Proto-Barroca e Barroca no Arquipélago da Madeira entre 1646 e 1750: A eficácia da imagem*, tomo II, Anexo F (Tábua Cronológica, 2. Anotações sobre conservação e limpeza de retábulos e pinturas: 1600-1800), pp. 1-108.

Figura 7 – Pormenor do Painel *Cristo a caminho do Calvário*, vendo-se o desgaste da camada pictórica



Fonte: fotografia DRC, 2013.

Em 1835, e referente a 15 de Junho de 1834, o fabriqueiro João de Freitas Pestana pagou \$300 réis «Por d[inhei]r.º p[ar].ª sabam e huma escova p[ar].ª lavar os painéis da capela-mor»⁸⁴. Este tipo de lavagem era já antigo, como se atesta no altar do Senhor Jesus, tendo a sua confraria pago \$380 réis «ao armador m[eio] di[a] alim[pa]r o retabo [sic] e lavar os paineis»⁸⁵, em 1698. Outras lavagens cingiam-se ao pavimento da Sé (corpo, capela-mor, cruzeiro, coros, capelas, altares), mas também aos retábulos, talhas, pinturas, esculturas, pias, coreto da música, sacristia e casa capitular, envolvendo gastos com materiais, mestres, serventes e beberetes⁸⁶.

A 24 de Dezembro de 1576, e possivelmente preparando novamente o templo para as festas de Natal, «Despendeo o R[everen]d.º Ant[oni].º Marinho por mädado do S[enh]or b[is].º tres e oito centos rs Em 24 dias de dezembro do Anno de 76 com os

⁸⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, mç. 23, doc. 43.

⁸⁵ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Confraria do Bom Jesus: 1683-1754*, liv. 21, fl. 54v.º.

⁸⁶ Vide documentação divulgada por RODRIGUES, 2012, *A Pintura Proto-Barroca e Barroca no Arquipélago da Madeira entre 1646 e 1750 [...]*, tomo II, Anexo F (Tábua Cronológica, 2. Anotações sobre conservação e limpeza de retábulos e pinturas: 1600-1800), pp. 1-108.

homões que alimpam a See»⁸⁷. Também em 1582, a 6 de Outubro, o pintor Jerónimo Fontiveros recebeu «dous mil e quatrocentos rs por alimpar a See por sima»⁸⁸, não sendo clara a especificação desta intervenção de limpeza. Situações pouco claras repetem-se no século seguinte: em 1658, a 1 de Junho, foram gastos \$960 réis pagos ao «pintor p[ar].^a limpar o altar-mor» e 4\$080 réis gastos «com o pintor como lhe acabei de pagar obra do altar-mor»⁸⁹. Segundo Vitor Serrão, embora esta seja uma informação lacónica, poderá corresponder também a uma campanha de repintura nas 12 pinturas manuelinas do retábulo-mor⁹⁰. Seguem-se outros pagamentos de limpezas: 1682 – «alimpar o altar mor» (\$150 réis)⁹¹; 1695 – Ao Tavares de limpar o altar-mor (\$200 réis)⁹².

Mais concreta é a obra realizada pelo pintor e dourador António Lopes, em 1702, que recebeu 1\$500 réis: «Ao Dourador Ant[oni].^o Lopes por alimpar o ouro do Altar Mor, e dar óleo nos paineis delle»⁹³; e mais 4\$575 réis: «Ao Dourador Antonio Lopes do reste que se lhe devia da obra da Capella, e de dourar as rosas p[ar].^a junto do Sacrario do Altar mor»⁹⁴. Ainda em 1702, foram compradas quatro aduelas para a tarja que faltava nas cadeiras do coro, tendo sido pagos 2\$400 réis do «feitio dellas ao imaginario M[anu].^{el} P[e]r[eir].^a [de Almeida]»⁹⁵ e foram feitas coroas novas de prata para a imagem de *Nossa Senhora da Assunção com o Menino* (3\$230 réis),

⁸⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 106.

⁸⁸ Nesta data recebeu mais 3\$800 réis «por pintar hũa cruz» da Igreja de Ponta Delgada. DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 145. Jerónimo Fontiveros já em 1578, a 29 de Outubro, recebera 6\$000 réis «por mädado do S[enh]or b[is].^{po} deo a Jheronimo de fontiveros pintor pelo concerto e pintura q[ue]. fez em hũ Retabolo q[ue]. foi pera Igreja de Santa Anna de trás da Ilha». DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 125. Este pintor já foi assinalado por SERRÃO, 1992, *A Pintura Proto-Barroca em Portugal: 1612-1657*, vol. II – *Os pintores e as suas obras*, p. 867; e por SANTA CLARA, 2004, *Das coisas visíveis às invisíveis [...]*, vol. I, pp. 67 e 123.

⁸⁹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 238v.^o.

⁹⁰ Embora refira a data de 1659, deve ser esta limpeza citada por Vitor Serrão, pois corresponde ao mesmo valor de 4\$080 réis. SERRÃO, 1992, *A Pintura Proto-Barroca em Portugal: 1612-1657*, vol. II – *Os pintores e as suas obras*, p. 869. Rui Carita seguiu esta informação. CARITA, 1992, *História da Madeira (1600-1700) [...]*, III vol., p. 419.

⁹¹ Incluiu «d[inhei]r.^o a quem pos o diadema na cabeça do S[enh].^{or}». DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena – 1609-1703*, liv. 7, fl. 280v.^o.

⁹² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 305v.^o.

⁹³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 321.

⁹⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 321.

⁹⁵ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fls. 319, 322-322v.^o-323.

«Do Imperial que se levantou mais; e fez se de novo na coroa de prata»⁹⁶, sendo referidos os prateiros Xita e Lira, que receberam 8\$400 réis⁹⁷. Em 1703, foi concertado o «cálix do Altar Mor [por] João Colombo»⁹⁸, que recebeu 1\$200 réis, e o prateiro Faustino de Araújo consertou a cruz do altar-mor por \$600 réis⁹⁹. Em 1809 foram pagos 13\$900 réis a «Felipe Caetano de pintar a каза do Lav[a]t[ori].º, tintar e limpar os painéis do Altar-mor»¹⁰⁰. Trata-se do pintor e dourador Filipe Caetano da Trindade, activo desde cerca de 1790 e com vária obra identificada na Sé e noutras igrejas madeirenses¹⁰¹.

As operações de limpeza eram por vezes complexas devido à altura dos altares e capelas, e no caso concreto do retábulo-mor recorria-se ao aluguer ou compra de um mastro. A 25 de Março de 1583, custou «trezentos rs de frete do mastro que se trouxe do Caniçal para alimpar a See»¹⁰² e, em 1584, a 20 de Julho, estão referidos 2\$500 réis, nas contas do reverendo chantre António Rodrigues, «de hũ

⁹⁶ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 321v.º.

⁹⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 321v.º.

⁹⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 324.

⁹⁹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 324.

¹⁰⁰ Nesta mesma data foi registado «d[inhei]r.º ao d[it].º [Filipe Caetano] por pintar, e dourar o Altar das Almas, Arco, tintas e mais despesas» (N. 34) – 13\$950 rs; «d[inhei]r.º ao d[it].º [Filipe Caetano] pello painel de N[ossa]. S[enhor].ª do Rosário» (N. 35) – 20\$000 rs; O altar de Nossa Senhora do Rosário (retábulo) foi obra do mestre entalhador Estêvão [de Nóbrega] (430\$000 rs), como a peanha (15\$850 rs); há referência ao altar velho de Nossa Senhora do Rosário, que foi desmanchado, devendo restar o pequeno óculo que hoje observamos numa das sacristias. DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 23, doc. 40.

¹⁰¹ Filipe Caetano, como assina, era natural da freguesia da Sé e apresenta relações sociais e profissionais com entalhadores, carpinteiros e outros oficiais, e a nobreza do Funchal. Estão documentadas algumas das suas obras; Sé: 1790 – Pintura do painel de Nossa Senhora do Rosário; 1797 – Altar da Confraria de São José; c. 1798 – novo Altar da Confraria de São José e Santa Ana; Igreja Matriz da Fajã da Ovelha: 1793 – estofamento da imagem grande de São João; Igreja de Santo António: c. 1794-1795 – pintura e douramento de um frontal para a Capela do Santíssimo Sacramento; Igreja da Ponta do Sol: 1803 – pintura e douramento da Capela do Santíssimo Sacramento; Igreja do Convento de São Francisco: 1808 – douramento e pintura da Capela da Confraria; dirigiu e apresentou vários riscos para retábulos de talha e executou pinturas e bandeiras. Deverá ser deste pintor a tela que outrora se encontrava na boca do altar-mor da Igreja de São Jorge, alusiva ao orago, hoje numa das paredes laterais do corpo da igreja, de finais do século XVIII, e que um péssimo “restauro”, executado pelos pintores Gouveias, pai e filho, deixou repintado na tela, erradamente, o nome do pintor original ficando «Fillppe Caciaen offe. Anes», no entanto, ficou o registo da autoria do restauro: «Restaurado em 1981. Por: A. Gouvêa e Gouvêa (filho)». Vide Ladeira, 2009, *A Talha e a Pintura Rococó no Arquipélago da Madeira (1760-1820)*, pp. 204-208.

¹⁰² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 146.

mastro que vendeo por não servir pera se alimpar a Igreja pera o que foy comprado pello doutor mestre escola»¹⁰³. Em 1591, o sacristão foi avisado que era «obrigado a ter canas compridas com suas vassouras para espanar as paredes da see, e tirar as teas de aranhas como se costumava e outro sim mandamos ao dito sãocristão q[ue]. tenha a alampada da capella mor aceza de dia e de noute»¹⁰⁴. Na Visitação de 1593, o sacristão volta a ser advertido sobre o incumprimento das suas funções, devendo manter os sanguinhos e corporais limpos, sendo acusado de não mandar lavar os corporais, castiçais e galhetas, para além de não manter a lâmpada acesa e «nem espana[r] a sacristia, nem pelas paredes e abóboda, nem as da capela-mor com a cana e vassoura»¹⁰⁵.

Em 1809 encontramos referência a um «andaime» aquando da limpeza dos «caixilhos do altar-mor» e a «madeira do andaime» utilizada na lavagem do lajeado e do altar das Almas, sendo fabriqueiro o cónego Vicente de Barros Oliveira¹⁰⁶.

Na Sé do Funchal muito património artístico e devocional foi também alvo de ataques biológicos, sobretudo de xilófagos. Registou-se, a 15 de Junho de 1572, que na catedral «avia mister [de ser] cayada e sacudida do poo e teas daranhas de q[ue]. estava chea há m[ui].tos anos»¹⁰⁷. Em 1585, três «côvados de Londres vermelhos [...] [foram] comidos pela traça que sobraram das vestes dos moços do Choro»¹⁰⁸, situação que deveria acontecer também nas roupas das imagens de roca, nos cortinados, tapetes e tapeçarias, por exemplo. Uma «Imagem de menino Jezus estofada com sua Diadema de prata dourada», que pertencia à confraria de Nossa Senhora Amparo, inicialmente inventariada em 1737, a 24 de Novembro, ficou mais tarde anotada como «posta na sachristia velha, fora do altar por ter caruncho»¹⁰⁹. Em 1752, a confraria de São Jorge vendeu «hũ nixo [...] corroído e incapaz»¹¹⁰ e, em 1790, entraram 8\$000 réis na fábrica referente a «cavacos e retraços de madeira caramuchenta», que foram vendidos para a casa de Jervis, avaliados pelo mestre de

¹⁰³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 33v.º.

¹⁰⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimento de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 18v.º.

¹⁰⁵ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimento de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 25.

¹⁰⁶ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, mç. 23, doc. 40.

¹⁰⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Obras e Setenças (I)*, mç. 29, doc. 2.

¹⁰⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 31.

¹⁰⁹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Confraria de Nossa Senhora do Amparo-1626*, liv. 27, «Inventário do que pertence à capela de Nossa Senhora do Amparo tirado do livro velho e acrescentado hoje 24 de Novembro de 1737», fls. 131v.º e 132.

¹¹⁰ DGARQ/ANTT, Sé do Funchal, *Confraria de São Jorge*, liv. 16, fl. 23.

obra Manuel António¹¹¹. Embora a documentação coeva não refira explicitamente a capela-mor da Sé, atestou-se, em 2011, durante a realização do diagnóstico do estado do retábulo (talha, escultura e pinturas), e depois, em 2013-2014, durante a intervenção de conservação e restauro do retábulo-mor, que uma das patologias graves, encontradas na talha e imaginária, foi a danificação provocada pelo caruncho, observando-se várias perfurações do insecto que fragilizaram as madeiras. Acresce, ainda, a presença de roedores, como aconteceu em 1744, custando \$400 réis um «cepo» para «caçar ratos»¹¹².

Armações e Ornamentações

Foi sempre habitual fazerem-se as armações e ornamentações dos altares, incluindo o altar-mor, quer para festividades religiosas, como para a realização simbólica de exéquias, de príncipes e reis, ou celebração de *Te Deum*. Estas arquitecturas efémeras, que implicavam grandes construções com intervenções nos altares, retábulos, arcarias, etc., contribuíram para danificar muito património da catedral.

Um dos exemplos de armações que se prolongaram até ao século XX foi a montagem e desmontagem do esplendoroso Camarim de talha dourada, do imaginário madeirense Manuel Pereira, da Sé do Funchal, executado entre 1648-1654, que era montado à frente ao altar do Senhor Jesus, que quase chegava ao tecto e tapando o altar (Figs. 8, 9 e 10). Na segunda metade do século XIX, Isabella de França ainda o descreve assim:

«Na Quinta-Feira Maior fomos ver o altar em que fica depositado o Santíssimo até ao dia seguinte, e que era magnífico: atingia quase o tecto da Sé e ocupava todo o transepto meridional, formava uma pirâmide, com degraus na parte da frente e estava coberto de centenas de círios acesos, entremeados de flores, imagens pequenas, roupagens e guarnições de ouro e prata, sendo tudo sobreposto de um cofre de prata com as partículas, e ao lado do altar ficavam soldados de baionetas que representavam os soldados romanos guardando o sepulcro»¹¹³.

¹¹¹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv. 8, fl. 196.

¹¹² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fl. 44.

¹¹³ FRANÇA, 1970, *Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal (1853-1854)*, p. 199.

Figura 8 – *Sé do Funchal / Madeira*, 1944, aguarela sobre papel de Max Römer, 53,8 cm x 38,3 cm; observa-se o camarim montado no altar do Senhor Jesus, transepto sul da Sé do Funchal



Fonte: CMFF, n.º inv. 214; 5.

Figuras 9 e 10 – Camarim montado no altar do Senhor Jesus, transepto sul da Sé do Funchal; os baixos-relevos de talha dourada são do século XVII e os restantes elementos são do século XIX; a remodelação é de 1966, negativos, gelatina sal de prata



Fontes: MFM-AV, em depósito no ABM, Perestrellos Photographos, n.ºs inv. 11765 e 11766.

No canto superior esquerdo, na estrutura retabular do Senhor Jesus, ainda hoje sobrevive um enorme prego que suportava parte da estrutura do camarim, para o qual foi necessário construir uma casa nas traseiras da Sé para guardar todas as suas peças. Parte do camarim encontra-se hoje no Museu de Arte Sacra do Funchal¹¹⁴.

Estão bem documentados pagamentos de armações, como o que foi feito ao armador Francisco Tavares, em 1789, que armou o altar-mor da Sé, na Semana Santa, por 4\$300 réis, ou como os 5\$500 réis pagos a Francisco Xavier pela armação da igreja do «thedeum» pelo príncipe¹¹⁵.

A ornamentação na Sé pela morte da rainha D. Maria II, que faleceu a 15 de Novembro de 1853, descrita por Isabella de França, foi destinada a uma cerimónia em que, depois de um cortejo pelas ruas citadinas, as pessoas entraram na catedral onde por essa ocasião:

«estava a nave ocupada pelo mausoléu à memória da rainha defunta. Elevava-se um estrado de perto de seis pés de altura, cercado por uma grade realmente feita de cartão mas tão bem pintada que dava a impressão de ser de marfim, à luz do dia, e de prata à claridade dos círios. Em cima erguia-se uma espécie de edifício, aberto nas duas extremidades, com uma escada interior que conduzia ao topo; os lados do edifício eram almofadados, cobertos de pano preto e ornamentos de galão e franjas prateadas. [...] O efeito geral era excelente, tudo com muito gosto e admiravelmente executado: desenho elegantíssimo e cumprido à risca», estando o ataúde sobre um tablado, coberto de pano preto com ornamentos de ouro e prata, muito cenográfico¹¹⁶.

Também mereceram ornamentação faustosa as exéquias do rei D. Luís I (1838-1889), tendo ficado a Sé muito engalanada como se vê em fotografia da época (Fig. 11).

¹¹⁴ FERREIRA, 1963, *A Sé do Funchal*; GOMES, 1966, «Arranjo e modificação do camarim da Sé do Funchal», pp. 25-27; RODRIGUES, 2010, «Manuel Pereira, entalhador e imaginário madeirense do século XVII, e os circuitos de divulgação de modelos para as periferias», pp. 229-337.

¹¹⁵ DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal, Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv. 8, fls. 185, 185v.º, 187.

¹¹⁶ FRANÇA, 1970, *Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal (1853-1854)*, pp. 180-181.

Figura 11 – Mausoléu por ocasião das exéquias por morte do rei D. Luís no interior da Sé do Funchal, após 1889-10-19, fotografia de Aloísio César de Bettencourt, negativo, gelatina sal de prata, 21,5 x 16,4 cm



Fonte: MFM-AV, em depósito no ABM, Aloísio César de Bettencourt, n.º inv. 82.

Havia grande competitividade entre as confrarias, nas festas religiosas, que investiam em «rama», «rama de cheiros»¹¹⁷, «pendurados» e «volantes»¹¹⁸, muitas

¹¹⁷ Surgem designados como «ramalhetes», «cheiros», «ervas de cheiros» ou simplesmente «ramas», sendo as mais referenciadas murta, junco, louro, alecrim, giesta, encontrando-se também pinhas, e no século XIX palma, oliveira e «flor de maio». Nos séculos XVII e XVIII encontramos pagamentos ao «homem da rama» e aos «pretos» de a transportarem.

¹¹⁸ O volante é um «tecido muito ralo, estreito, e comprido, feito de fios de lã, entrefachados com canutilho de cor de prata, ou ouro». MARQUES, *Novo Dicionário das linguas portuguezas e francezas com os termos latinos*, p. 757. Em 1655, o visitador, deão Pedro de Moreira, observa que o Santo Cristo, imagem milagrosa e muito venerada da Igreja da Ponta Delgada, estava guardado indecentemente, por isso, mandou fazer um resguardo de tela coberta com três cortinas e junto da imagem ficaria uma cortina de «volante raso com suas argolinhas de prata e varão de prata com suas fitas de seda»,

vezes alugados¹¹⁹, para que cada altar abrilhantasse a fé dos seus fiéis e expressasse a capacidade económica dos mordomos eleitos, sendo as capelas, altares e oratórios faustosamente ornamentados. Os excessos eram de tal forma que o bispo D. Manuel Coutinho, em 1736, proibiu o uso de armações pela confraria do Senhor Jesus da Sé, e até a vinda de músicos de fora, numa perspectiva de atenuar o aparatoso espectáculo das festividades, exigindo aos párocos, fiéis e mordomos maior concentração na acção religiosa com «missa cantada e sermão somente»¹²⁰.

As armações e ornamentações eram pregadas nos altares, sobre as paredes caiadas ou azulejadas, na talha dourada, ou mesmo sobre retábulos de madeira pintada ou ainda nas molduras que envolviam as pinturas sobre tela, cuja montagem e desmontagem era da responsabilidade dos armadores, quase sempre carpinteiros, que não tinham os cuidados devidos. Eram também os armadores que cobriam e destapavam os painéis e retábulos com cortinas e panos e compunham as luminárias (círios e castiçais) nos dias festivos. Segundo a definição de Bluteau, o armador é o oficial «que com volantes, almofadas, & outros tecidos orna as igrejas»¹²¹. Estes oficiais encontram-se bem documentados na Ilha da Madeira desde o século XVI ao XIX, com ordenados anuais suportados pelas fábricas e confrarias das igrejas, sendo a catedral do Funchal um bom exemplo do recurso aos seus serviços¹²².

Em 1572, há referência a uma tapeçaria, estando as «paredes [...] esburacadas dos pregos da dita tapeçaria»¹²³, acusando que as ornamentações também contribuíam para a danificação do templo, embora ficasse sublinhado que havia «neces-

ficando a imagem coberta de volante nas festividades (ABM, AHDF, Ponta Delgada, *Visitação e Provimtos – 1589-1694*, mf. 669, fl. 80). Em 1683, na Sé, são pagos 18\$200 réis de «se fazer de aluguel he volantes he alfenetes hũn ser[vi]ç.º do armador «franc[isc]º Tavares que deu p[ara]. rol se gastarão no Dia da festa da s[an]t.ª» (DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Confraria de Nossa Senhora do Rosário*, liv. 24, fl. 108v.º); em 1707, um armador recebeu \$750 réis de colocar «pindurados» no altar-mor da Sé, para o dia de Natal (AHDF, São Pedro, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica Pequena*, liv. 43, fl. 76). Em 1722, o armador da Sé recebeu pagamentos pela sua função de «armar», colocar «pendurados» e «volantes» no coro e púlpito, nas festas da Epifania, Purificação, Páscoa, Espírito Santo e Natal (10\$000 réis) e Corpo de Deus e Dia Oitavo (8\$000 réis) (DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1722-1741*, liv. 9, fl. 11).

¹¹⁹ Em 1659 foram alugados «pendurados» para o dia da festa da Senhora do Rosário. DGARQ/ANTT, Sé do Funchal, *Confraria de Nossa Senhora do Rosário*, liv. 24, fl. 51. Em 1678, outros «pendurados» custaram 1\$200 réis para ornamentação da festa de São Bento, pagos pelo fabricante Manuel da Costa. DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena – 1609-1703*, liv. 7, fl. 274v.º.

¹²⁰ DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 20, doc. 37.

¹²¹ BLUTEAU, 1713, *Vocabulário Português e Latino [...]*, vol. IV (F), p. 141.

¹²² Vide RODRIGUES, 2012, *A Pintura Proto-Barroca e Barroca no Arquipélago da Madeira entre 1646 e 1750 [...]*, tomo II, Anexo F (Tábua Cronológica, 2. Anotações sobre conservação e limpeza de retábulos e pinturas: 1600-1800), pp. 1-108.

¹²³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica – Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 2.

sidade [de] duas travessas ou cintas de pao p[*e*].¹²⁴ meo das paredes pera a armação de q[ue]. na dita Sé se arma m[ui].^{tas} festas do año e por não ter as ditas travessas como há é de todas as Igrejas deste reino se danificavão m[ui].^{to} as ditas paredes»¹²⁴.

Na Visitação da Sé, em 1591, os armadores são acusados de danificarem os pilares da igreja com pregos, sendo advertidos para não pregarem pregos nos arcos e nos capitéis, sob pena de excomunhão ou pagamento de \$400 réis para a fábrica da catedral e meirinho¹²⁵. Na Visitação de 1594, são lembradas as proibições das visitas anteriores, intimando os mordomos das confrarias, ou pessoa de qualquer condição, para não tirem nem emprestem remates e peças dos retábulos nas armações, assim como os lampadários de prata, nem armarem as paredes da Sé com rama ou outra armação que a danificasse¹²⁶.

No entanto, não era só a deterioração do templo e dos objectos devocionais que preocupava a igreja madeirense; como aconteceu no resto do país o decoro e a decência eram também outros preceitos importantes para os cristãos, fundados nas disposições do Concílio de Trento, por isso, em 1591, ficou bem expresso que «Quando for rezão de algũa festa ou ouver de ornar algũa igreja ou capella de panos ou cartas de figuras, ou de qualquer pinturas mandamos que sejam de qualidade q[ue]. não aja nellas imagens de ireges nẽ outra algũa couza indecente, ou desonesta, ou contra os bons costumes», e que o deão, ou presidente da Sé, vigários, reitores ou curas não consentissem a armação sem primeiro verem os panos ou cartas, averiguando a sua qualidade, sob pena de excomunhão e 1\$000 réis para obras pias e meirinho, e que ao «passar alguma procissam nenhũa pessoa ponha panos, cartas ou figuras, q[ue]. não sejam decentes e honestas»¹²⁷.

¹²⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica – Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 2.

¹²⁵ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimento de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 17.

¹²⁶ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimento de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fls. 28v.º-29. Já em 1588, a 5 de Abril, o bispo tinha sublinhado a importância de cumprir o estipulado nas Visitações, mas para isso era necessário que ficassem registadas e guardadas em livro: «Dom Luiz de figueiredo per merce de deos e da Sancta Igreja de Roma Bispo do funchal do conselho de sua magestade fazemos saber aos que esta nossa provisão virem que visitando nos esta see achamos nella não avia livro dos provimentos das visitasões que os prelados e seus visitadores faziam como he custume em outros bispados [...] nem em outras visitasões que vinhão se tomava conta das cousas provisões, nem tinhão effeito as ditas visitasões. Pello que pera bom governo e provimento dellas ordenamos este livro e mandamos que não sirva de outra cousa senão das ditas visitasões, e que os curas o tenham em seu poder bem guardado pera o presentar a nos quando formos visitar, ou a nossos visitadores, e por elle vermos e examinarmos se se cumprio o que pella visitação e visitadores passados era mandado». DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimento de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 1.

¹²⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimento de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33, fl. 17v.º. Texto comum nas constituições sinodais portuguesas e que foi replicado nas *Constituições Extravagantes do Bispado do Fvunchal* [...], 1601, pp. 13-14.

Não sendo propriamente uma armação, nem uma ornamentação, a colocação do órgão e, portanto, do coro, conheceu diversas soluções ao longo do tempo, umas mais efémeras, outras mais estruturais. A título de exemplo, lembremos apenas a tribuna levantada para este efeito, no lado norte do cruzeiro, demolida em 1922, que está documentada fotograficamente¹²⁸ (Fig. 12).

Figura 12 – Altar-mor da Sé do Funchal, vendo-se à esquerda o órgão, 1905-03-05, negativo, gelatina sal de prata



Fonte: MFM-AV, em depósito no ABM, Photographia Vicente, n.º inv. 28211.

¹²⁸ Veja-se acerca dos órgãos da Sé FERREIRA, 1963, *A Sé do Funchal*, pp. 319-324 e MACHADO, DODERER, PEREIRA, 2009, *Órgãos das Igrejas da Madeira*, pp. 91-95. Actualmente mantém-se em funcionamento o órgão histórico no coro, de 1884, restaurado em 1995-1996, por Dinarte Machado, e foi construído por este organista um órgão novo, no âmbito das comemorações dos 500 anos da Diocese do Funchal. Está colocado no transepto sul, sobre uma plataforma rotativa, mas a sua dimensão, mesmo quando encostado à parede, interfere com a leitura do retábulo do altar do Senhor Jesus.

A introdução da energia eléctrica na ilha, em 1897, veio alterar não só a iluminação quotidiana, com as conseqüentes adaptações, mas também os recursos técnicos disponíveis para a ornamentação. Um documento fotográfico do interior da catedral mostra-nos candelabros com lâmpadas eléctricas suspensos dos arcos das naves e do tecto, a que se acrescentaram grinaldas de flores para uma ocasião festiva (Fig. 13).

Figura 13 – Vista interior da nave central da Sé do Funchal, 1925-07-16, negativo, gelatina sal de prata



Fonte: MFM-AV, em depósito no ABM, Photographia Vicente, n.º inv. 31274.

Danos Provocados por Factores Climáticos e Sismos

Outro factor que determinou a perda e danificação de património na Sé do Funchal, desde a sua construção até à contemporaneidade, foi a humidade, não só consequência do clima da ilha, mas também pelas chuvas intensas e ventos fortes que levantavam os telhados da igreja, «minando» de água o seu interior e, conseqüentemente, os seus altares e retábulos. Em 1572, o padre António Marinho enviou para Lisboa uma lista com «coisas necessárias» para a Sé do Funchal, descrevendo as condições em que se encontrava a catedral: «achamos q[ue]. a dita Sé avia mister limpa e repairada dalguas cousas tão necessárias q[ue]. se não socorrendo logo viria a tal a diminuição e perigo q[ue]. fazia depois m[ui].^{tas} Desp[es].^{as} [...] chover nella em m[ui].^{tas} partes asi na aboboda da capella mor como nos mais tectos da dita

Sé.»¹²⁹. Em 1586, custou o tabuado, carrete e frete 2\$560 réis, que «veio de trás da ilha [...] que se cobriram as madres que vierã pera o choro da see por se não danare[?] com a chuva»¹³⁰. Daí a necessidade de obras sistemáticas de «telhar» e «retelhar» a Sé desde o século XVI ao século XX. Estas intervenções de «retelhamento», particularmente na capela-mor, foram impedindo as infiltrações de águas e garantindo uma aceitável conservação do seu retábulo-mor (talha, pintura, imaginária, sacrário), assim como do cadeiral e restantes pinturas sobre tela.

Já em 1578, a 2 de Setembro, ficaram anotados 13\$553 réis, o quanto custou o «conserto de todos os telhados da See» e os oficiais, servidores, areia, cal e mais «telha que veio da Igreja da agoa de pena»¹³¹. No ano de 1580, a 20 de Abril, outro documento confirma que telhas vieram da Igreja de Santa Cruz, pelas quais foram pagos \$500 réis¹³². Também da Igreja de Santa Cruz, em 1586, outros materiais vieram para a catedral, revelando empréstimos, venda e compra de materiais entre as várias igrejas, sempre com a respectiva autorização do bispo, pagos pelo recebedor, o chantre António Rodrigues. Tratou-se do conserto feito no coro da catedral, nos topos de cantaria, e gastos em pedras, jornais dos oficiais, e ainda de cadeiras, com o custo de 31\$702 réis, vindo de Santa Cruz as madeiras para o coro alto que custaram 43\$670 réis¹³³. Neste mesmo ano, o recebedor da Sé despendeu \$132 réis «com uns carpinteiros que desmancharam umas cadeiras do coro, que não serviam e se meteram na casa de cêrca para aí estarem guardadas»¹³⁴.

Em 1592, na sequência das obras havidas na catedral no ano anterior, agora era a Sé que emprestava telhas para a Igreja de São Pedro do Funchal, por ordem do bispo, recebendo \$820 réis por cem telhas, situação que fica em Janeiro de 1593 concluída, pois o tesoureiro, António Marinho, recebeu das fábricas \$200 réis de «cem telhas q[ue]. ho S[e]n[h].^{or} B[is].^{po} mandou emprestar das q[ue]. avia na see pera se comprarem outras tantas»¹³⁵. Esta situação era recorrente, tendo em 1593 António Marinho, por \$180 réis, vendido para um oratório «hūs pedacinhos de

¹²⁹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica – Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 2.

¹³⁰ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 169.

¹³¹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 123v.º.

¹³² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 134.

¹³³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fls. 164-169.

¹³⁴ Pita Ferreira indica o ano de 1587, mas é 1586, como se lê no documento original. FERREIRA, 1963, *A Sé do Funchal*, p. 249.

¹³⁵ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fls. 148 e 50v.º.

telha q[ue]. não serviam»¹³⁶. Na verdade, em 1591 houve uma campanha de obras significativa na Sé,

«quando se consertarão os telhados da See pello destrosso que nella ouve a tormenta da noite dos innocentes deste anno de noventa e hum depois do dia de natal por não aver telhas na cidade se podesse comprar por remédio mandou ho S[e]n[h]or b[is].^{po} desmanchar o tecto que estava feito sobre o lageamento da capella mor da dita See»¹³⁷,

e, por isso, mandou vender a madeira para não se perder e mais três pedras de ara, tudo por 8\$260 réis. Em 1603 foram vendidas mais umas telhas, por ordem do bispo, para «uma necessidade»¹³⁸. As telhas eram importadas de Lisboa.

A Sé foi retelhada em 1582, pagando o chantre António Rodrigues 7\$500 réis¹³⁹; em 1585, custou o retelhamento 4\$970 réis, enquanto o conserto das paredes, por estarem muito danificadas, foi de 12\$000 réis¹⁴⁰; em 1604, recebeu obras de conserto nos telhados¹⁴¹; entre 1676 e 1699, foi várias vezes retelhada, ficando registados os gastos com cal, areias, telhas e pedreiros¹⁴². No século XVII, um dia de trabalho de pedreiro a retelhar a Sé era de \$200 réis¹⁴³.

No século XVIII a Sé foi sistematicamente retelhada, com verbas bem elevadas, revelando um trabalho de maior intervenção nos telhados. Em 1729, a fábrica da Sé gastou 50\$000 réis¹⁴⁴, e em 1734, pelos valores apresentados, as obras na catedral foram de maior envergadura, tendo sido enviado para Lisboa, «numa nau de guerra», 102\$400 réis e mais 60\$000 réis para pedra, tijolos, grades de ferro, tirantes e também telhas, como materiais para a casa da nova auditoria, que deveriam ser abatidos de uma verba entregue de 629\$600 réis¹⁴⁵; em 1746, 1747 e 1771, é mesmo na capela-mor que decorrem as obras de conserto no telhado e retelhamento, com «d[inhei]r.^o p[ar].^a 2 officiaes de Pedr[eir].^o q[ue]. retelharão o teto da capela mor»¹⁴⁶, que custou

¹³⁶ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 54.

¹³⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 43v.^o.

¹³⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fls. 82v.^o-83.

¹³⁹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 144.

¹⁴⁰ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fls. 82-82v.^o.

¹⁴¹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, Fábrica, *Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 103v.^o.

¹⁴² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena – 1609-1703*, liv. 7, fls. 274 e ss., 295, 302v.^o, 314.

¹⁴³ Exemplo é o pagamento ao pedreiro Brás Fernandes, em 1693, por um dia de trabalho de retelhar a Sé. DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena – 1609-1703*, liv. 7, fl. 302v.^o.

¹⁴⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1722-1741*, liv. 9, fls. 43 e ss.

¹⁴⁵ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1722-1741*, liv. 9, fl. 83.

¹⁴⁶ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv. 8, fl. 44v.^o.

1\$500 réis, e mais 1\$600 réis gastos com obras na Sé, capela-mor e telhas (1771); em 1748, 1752, 1763, 1773, 1778 e 1781, toda a igreja foi retelhada, com referência a materiais como cal, areia, tijolos, telhas e pedreiros, ficando anotados os pedreiros Simão Fernandes e o mestre Caetano; em 1747, a Sé é totalmente caiada e consertado «todo o interior della conforme roiz do M[estr].^e Pedro F[e]r[nande]z»¹⁴⁷, e em 1752 é consertada a abóboda da capela-mor, onde trabalharam os mestres António dos Santos, que recebeu 4\$800 réis por 16 dias de trabalho, José Nunes, que recebeu 3\$600 réis por 12 dias, Manuel Gonçalves, 1\$500 réis por cinco dias, e António dos Ramos, 1\$200 réis por quatro dias¹⁴⁸. No ano de 1778, coube ao pedreiro Manuel Marques retelhar «toda a igr[ej].^a da Sé» (seis dias, 2\$100 réis; três dias, 1\$000 réis), seguindo-se outros pedreiros: José Gomes (nove dias, 1\$760 réis; cinco dias, \$750 réis; dois dias, 1\$000 réis), Domingos Gomes (três dias, 1\$050 réis) e um servente (cinco dias, 1\$000 réis)¹⁴⁹.

Estas obras de retelhamento, para além da manutenção devido a ventos, chuvas e tempestades, que eram regulares, devem estar na sequência do terramoto de 1 de Abril de 1748, em que a catedral

«ornada com bella arquitetura, e de tres naves, sentio na Capella mór algumas fendas. As faces da nave do meyo se inclinaraõ para dentro tres dedos da parte do cruzeiro; e da mesma parte està o primeiro arco da nave, que fica correspondente ao Sul apartado da parede, em que se firmava, e a dita parede fendida de alto a abaixo, o que se vê também em muitas partes em roda, sendo mayor o effeito no Frontispicio, que està inclinado para fora. A torre està bastantemente arruinada pela parte Leste; e em todas as officinas deste magnifico Templo se observaõ fataes, e grandes estragos.»¹⁵⁰.

Na catedral abriram fendas na capela-mor, sobre as janelas, e as naves ficaram «fora do seu prumo»¹⁵¹. Em 1752, as obras e consertos deveram-se por «o telhado de toda a igreja e mais casas a ella anexas q[ue]. todos ficarão destruídos com a tormenta q[ue]. ouve do vento»¹⁵², gastando a fábrica em cal e telhas 17\$600 réis, e também com boieiros que transportaram os materiais, chegando a soma total a 18\$850 réis.

¹⁴⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv. 8, fl. 44v.º.

¹⁴⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fls. 92v.º-93, 127v.º, 158, 187v.º; DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv 8, fls. 135, 158v.º-159.

¹⁴⁹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv. 8, fls. 100 e 104v.º.

¹⁵⁰ *Relaçam dos terriveis effeitos, que cauzou o TERREMOTO que sentio a ILHA DA MADEIRA na noite de 31. de março de 1748. II. PARTE. [...]*, 1748, p. 2.

¹⁵¹ FREITAS, 1958, «O Terramoto de 1748», pp. 30-31.

¹⁵² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fls. 92v.º-93.

Em 1757 houve «grande vento»¹⁵³ no mês de Outubro, sendo necessário compor os telhados. Mas outros tremores de terra foram sentidos na ilha, e conseqüentemente no Funchal, como em 1746, 1753 e 1755.

No século XIX, e especialmente depois da aluvião de 1803 e do grande tremor de terra a 23 de Abril de 1814, a Sé do Funchal foi novamente retelhada, sempre com o propósito de conservar o seu interior. Desde 1810 até 1861, foram várias as intervenções, algumas vezes com retelhamento total¹⁵⁴.

Intervenções no Património Artístico

As referências específicas ao património artístico são, de um modo geral, lacónicas e pouco esclarecedoras. Incorporámos neste capítulo algumas notícias de obras de manutenção que, embora não mencionem as peças de arte, podem ter tido alguma relação com elas.

O retábulo-mor, com uma elaborada máquina de talha dourada, rendilhada ao gosto gótico flamejante, cuja execução, tal como a do cadeiral, foi atribuída aos continuadores do mestre flamengo Olivier de Gand († 1512), Machim Fernandes e João do Tojal¹⁵⁵, por Rafael Moreira, apresenta três andares com 12 pinturas, tendo na fiada inferior temas alusivos à Eucaristia (*Abraão e Melquisedec, Última Ceia, Missa de São Gregório e Apanha do Maná*), na do centro cenas da vida da Virgem (*Anunciação, Natividade, Pentecostes e Assunção*) e na fiada superior cenas da Paixão (*Jesus no Horto, Cristo com a Cruz às costas, Descida da Cruz e Ressurreição*). O eixo central, que entretanto sofreu alterações, como adiante veremos, tinha originalmente três nichos sobrepostos com o sacrário e duas esculturas em vulto. As pinturas estão atribuídas a uma parceria de pintores que incluía a oficina de Jorge Afonso, Francisco Henriques e o Mestre da Lourinhã¹⁵⁶.

¹⁵³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fl. 127v.º.

¹⁵⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, mç. 23, doc. 41; DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, mç. 23, doc. 43; DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, mç. 23, doc. 44; DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Contas II*, mç. 24, doc. 7 (Recibos – 1857); DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Contas II*, mç. 24, doc. 12 (Recibos – 1861).

¹⁵⁵ Segundo revelações de Rafael Moreira, estão atribuídos a Machim Fernandes e João de Tojal, embora considere a hipótese de alguma participação inicial de Olivier de Gand. MOREIRA, 2015, «O Cadeiral da Sé do Funchal: Novos Elementos», pp. 251-260; ANTUNES, CAETANO, CARVALHO, «Novos dados sobre Olivier de Gand», pp. 14-21; MOREIRA, 2000, «Dois escultores alemães em Alcobaça: Machim Fernandes e João Alemão», pp. 93-119; CARITA, 2015, *A Sé do Funchal: 1514-2014*, pp. 109, 124-125 e 335.

¹⁵⁶ PEREIRA, CAETANO, CARVALHO, SERRÃO, 2017, «O Retábulo da Capela-Mor da Sé do Funchal – Obra Marcante do Patrocínio Régio. Nos inícios do Século XVI», pp. 41-42. Vide também SERRÃO, 2015, «A Diocese do Funchal na História da Arte em Portugal: a pintura quinhentista», p. 116.

A primeira referência específica conhecida a um pagamento do retábulo-mor da Sé é feita em 1512, tendo sido entregue a João Saraiva 111\$098 réis para o retábulo da «igreja nova»¹⁵⁷. A sagração do altar-mor da Sé foi feita em 1517, data em que a talha e o cadeiral estariam já colocados¹⁵⁸.

Os relatos, escritos em finais do século XVI, do saque dos corsários franceses, que em 1566 andaram pela ilha a pilhar, matar e saquear, são vagos em relação aos danos efetivos na Sé. Jerónimo Dias Leite afirma que «No cabo de dezasseis dias se fizeram à vela, sem fazer dano nas pousadas senão nos templos, onde queimaram e despedaçaram as imagens e desfizeram os altares e profanaram relíquias»¹⁵⁹. Gaspar Frutuoso centra a sua narrativa na procura do tesouro da Sé e na profanação das relíquias da capela do Santíssimo, sem especificar nada em relação ao retábulo do altar-mor:

«Os francezes, não achando nenhuma destas cousas que pretendiam, andavam feitos leões, dando cutiladas nas imagens e tantas deram em huma de S. Roque de vulto, a qual no altar do cruzeiro Norte estava que lhe cortaram braços e pernas [...]»¹⁶⁰.

Por ocasião do primeiro Sínodo no Funchal, em 1578, durante o bispado de D. Jerónimo Barreto (1573-1585), a capela-mor da Sé foi consertada, «da banda de dentro»¹⁶¹, caiada e guarnecida e, inclusivamente, foram adquiridos dois guadamecis¹⁶²

¹⁵⁷ PEREIRA, 1990, *Documentos sobre a Madeira no Século XVI existentes no Corpo Cronológico – Análise Documental*, vol. I – Sumários, pp. 99-100, e vol. II – Índices, p. 572, citando ANTT, Parte I – 266, 1.III.1512 – mç. 41, doc. 120. Este documento é constituído por vários documentos mas nenhum refere o valor indicado, por isso, julgamos haver engano na indicação da cota. Lê-se uma anotação «Mandado do rei D. Manuel para [que] João Saraiva, almoxarife da alfândega do Funchal, possa vender todos os açúcares e entregar o seu produto a João de Freitas – 28/8/1513». Aquela informação é repetida por VERÍSSIMO, 2003, «A construção da Sé», p. 20, citando PEREIRA, 1991, *Estudos sobre História da Madeira*, Funchal, p. 328. Sobre a construção da catedral do Funchal *vide* também SILVA, 1936, *A Sé Catedral do Funchal – Breve notícia histórica e descritiva*; FERREIRA, 1963, *A Sé do Funchal*; CARITA, 2015, *A Sé do Funchal: 1514-2014*.

¹⁵⁸ O cadeiral, este já estaria colocado em 1517, como comprova um alvará régio de D. Manuel que proibia os leigos de ficarem no coro durante os ofícios, pois causavam perturbação e impediam o clero de se sentar: «que no coro da dita [Sé] e altar se estar na capella muitas pessoas ao t[em]po dos serviços divinos sobiam hiam dentro do altar [...] tanto q[ue]. muitas dignidades conigus clegus e sacristam da see Et não tinham donde se asentar». BRAGA, 2003, «Apontamentos acerca do cadeiral», p. 62, nota 4. *Vide* também MOREIRA, 2003, «Os autores do retábulo e do cadeiral», pp. 64-67; MOREIRA, 2015, «O cadeiral da Sé do Funchal: novos elementos», pp. 251-260.

¹⁵⁹ LEITE, 1989, *Descobrimto da Ilha da Madeira*, [c. 1579], p. 106.

¹⁶⁰ FRUTUOSO, 2008, *As Saudades da Terra [...]*, [c. 1583-1590], p. 262.

¹⁶¹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, mf. 3573, fl. 125.

¹⁶² Guadamecim é uma espécie de tapeçaria de couro pintado e dourado, cuja designação provém da cidade de Gadamés (Tripolitânia, África). «São humas tapeçarias antigas, feitas de couros, envernizados, & outros ingredientes sobre folhas de estranho, ou prata, em se que representam varias figuras. Tambem há Guadamecins dourados, & Guadamecins de pelle vermelha. [...] Se a invenção destas tapeçarias veyo de Africa, differa, q[ue]. a palavra *Gadamecis* se podera derivar de

«dourados q[ue]. se fizeram pera as ilhargas do Retabolo do altar-mor da Sé»¹⁶³, que custaram 3\$645 réis.

A primeira intervenção de restauro do retábulo-mor da Sé, que se conhece documentalmente, data de 1594, pois até então não tinha sido renovado nem limpo, estava danificado e apresentava algumas falhas:

«Em 1594, lemos no Livro de Receita e Despesa da Sé iniciado no ano de 1574, achou o Senhor Bispo que o retábulo da Capela-mor da Sé, depois de ser assentado nela, já há muitos anos, nunca foi renovado nem limpo nem se fez nele nenhum outro beneficio pelo que estava mui danificado e com algumas faltas, e querendo acudir a isto e porque não se acabasse de perder, o mandou ora novamente lavar¹⁶⁴ e reparar o melhor e mais comodamente que se pode fazer e principalmente dourar e estofar e encarnar a imagem de Nossa Senhora e Menino e assim o Crucifixo e alguns anjos e outras figuras do mesmo retábulo, pelas quais obras, por conserto que se fez, mandou a dar a Diogo Gomes pintor 50\$000 assim pelo oiro, como por seu trabalho, óleos e mais despesas do seu ofício. E além disso a António Gonçalves Caixeiro, que fez o pé por a dita imagem estar mais alta e mudou muitas peças e pregou outras coisas do seu ofício, 1\$500 reis. E nas duas coroas de Nossa Senhora e do Menino que são de prata e novamente deram em partes 1\$720 reis»¹⁶⁵.

Possivelmente são estas coroas que ficaram inventariadas, em 1629, a 6 e 12 de Novembro, quando deu inventário o padre Sebastião da Costa, sub-tesoureiro da Sé, sendo então tesoureiro-mor o Dr. Luís de Miranda, e que na visitação do bispo D. Jerónimo Fernando, sendo eleito escrivão da fábrica Manuel Rodrigues, ficaram assim referidas: «Duas coroas de prata brancas, estão no retabollo do Altar mor nas Imagens de Nossa S[en]h[or]a e do menino jhesus»¹⁶⁶. Assinaram Sebastião da Costa e Luís Spínola. Voltam a estar listadas em 1675, a 25 de Outubro, pelo sub-tesoureiro Fernão Gomes da Silva: duas coroas de prata que estão nas cabeças do Menino e de Nossa Senhora, no altar-mor¹⁶⁷. Noutro inventário registado a 28 de Outubro de 1692, realizado pelo tesoureiro-mor Manuel da Silva e Câmara, então assistido pelo reverendo vigário Dr. Pedro Correia Barbosa, ficam documentadas as duas coroas de prata, uma do Menino e outra de Nossa Senhora, do altar-mor, mas uma nota

Gademessa, que he huma terra de Africa, na provincia de *Biledugered*, ou de *Gademes*, povoação tambem de Africa, dõde podera ter tido algum principio esta casta de adereço.». BLUTEAU, 1713, *Vocabulário Português e Latino* [...], vol. IV (F), p. 141.

¹⁶³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fl. 109 v.º.

¹⁶⁴ No documento original lê-se «alimpar».

¹⁶⁵ FERREIRA, 1963, *A Sé do Funchal*, pp. 241-242.

¹⁶⁶ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Inventário de prata e ornamentos: 1590-1685*, liv. 34, fls. 103 e 106v.º.

¹⁶⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Inventário de prata e ornamentos: 1590-1685*, liv. 34, 198v.º.

afirma que «se desfizeram» para fazer uma maior para a Nossa Senhora¹⁶⁸. Perdeu-se assim uma coroa de prata quinhentista, mas também não se sabe o paradeiro da imagem de *Nossa Senhora*, também quinhentista e possivelmente flamenga, quiçá oferta de D. Manuel I e que se assemelharia à *Imaculada Conceição*, proveniente da Igreja Matriz de Machico, conhecida por *Virgem D. Manuel*, hoje no Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF18). Aquela desaparecida imagem foi substituída, em data que desconhecemos, por uma *Nossa Senhora do Rosário*, possivelmente proveniente de uma confraria, hoje depositada no Museu de Arte Sacra do Funchal e atribuída à oficina do imaginário Manuel Pereira, activo no Funchal entre 1624 e 1679.

Como atrás vimos, a propósito do Sínodo de 1680, são mencionados os três nichos do retábulo-mor com imagens de vulto. Esta descrição é confirmada em 1722 por Henrique Henriques de Noronha, que descreve especificamente um Cristo crucificado em vulto, na fiada superior, em perfeita harmonia com a narrativa iconográfica do conjunto retabular:

«hũa e precioza machina de hum retabulo de filigranas tão miúdas [...]. Repartese em tres parte ao alto, e cada hũa em sinco quadros, e todos em quinze, onde se depositão doze maravilhosas pinturas. Na parte superior tem no meyo hum nicho, onde estão o Senhor Crusificado em vulto; em cada lado dous quadros com imagens da paixão»¹⁶⁹.

Em 1746, quando foram pagas cortinas de damasco roxo para os três nichos do retábulo as imagens de Cristo e da acima referida «Nossa Senhora» do século XVII ainda se mantêm. Entretanto, a imagem do «Cristo crucificado» ou foi retirada por estar degradada, ou foi deslocada para outro templo, não se encontrando registo.

Numa fotografia de 1905 do Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's, em depósito no Arquivo e Biblioteca da Madeira, a imagem desta *Nossa Senhora* está ainda colocada no retábulo-mor (Fig. 14). Já na segunda metade do século XX foi substituída por uma «*Nossa Senhora da Assunção*», proveniente da Igreja de São Pedro (Funchal), extraordinária escultura barroca do século XVIII, de oficina nacional, sendo o nicho forrado com restos do antigo camarim da Sé da autoria daquele imaginário (Figs. 15 e 16). Pelo menos em 1963, como testemunha Pita Ferreira, já lá se encontrava, mas é provável que tivesse sido colocada na década anterior, seguindo a tradição de dedicar as catedrais portuguesas a Nossa Senhora da Assunção, incentivada pela proclamação do dogma da Assunção por Pio XII (1-11-1950).

¹⁶⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Inventário de prata e ornamentos: 1590-1685*, liv. 34, fl. 24.

¹⁶⁹ NORONHA, 1996, *Memórias Seculares e Eclesiásticas [...]*, [1722], pp. 138-139.

Figura 14 – Retábulo do Altar-Mor da Sé do Funchal, vendo-se ao centro a imagem de *N.ª Sr.ª do Rosário*, 1905-03-06, negativo, gelatina sal de prata



Fonte: MFM-AV, em depósito no ABM, Photographia Vicente, n.º inv. 28210, pormenor.

Figura 15 – Capela-mor, observando-se o cadeiral, a parede lateral e o retábulo-mor com a imagem da *Senhora da Assunção* e *Ecce-Homo*, sem data, prova fotográfica



Fonte: ABM, COLFOT, n.º inv. 4745.

Figura 16 – Retábulo-Mor da Sé do Funchal; observam-se, ao centro, a imagem de N.^a Sr.^a da Assunção, ao cimo o *Ecce Homo*



Foto: DRC, sem data.

Como se verificou, na campanha de 1594, a obra de pintura foi entregue a Diogo Gomes, pintor e dourador, documentado entre 1592 e 1598, data do seu falecimento, autor de outras obras de vulto em várias igrejas do Funchal¹⁷⁰. Coincidiram aquelas iniciativas com o bispado de D. Luís Figueiredo de Lemos (1586-1608), que zelosamente pugnou pela aplicação das disposições tridentinas. A primeira visita da

¹⁷⁰ Diogo Gomes «Aparece a trabalhar para a confraria de S. Tiago em 1592, ano em que era mordomo dela Zenóbio Acciaioli. Pouco tempo depois serviu de testemunha na redacção do testamento deste, o que nos leva a supor que, sendo da confiança deste fidalgo, lhe teriam sido entregues outros trabalhos como o douramento do retábulo da capela da Quinta da Boa Vista e a do capítulo do Convento de S. Francisco onde estava o jazigo da família. Em 1594 é referenciado a limpar o retábulo do altar-mor, encarnar e estofar imagens na Sé, pintar e dourar o pé do círio pascal; e trabalhou também no douramento do retábulo da Confraria de Senhor Jesus e Almas de S. Martinho, que, por sua morte, em 1598, não pôde acabar.». SANTA CLARA, 2004, *Das coisas visíveis às invisíveis* [...], vol. I, p. 123.

Inquirição deu-se em 1591-1592 e, embora não se tenha encontrado documentação comprovativa, podemos aventar a hipótese de ter sido na sequência desta que foi substituída a figura da Virgem vergada pela dor no painel do «*Calvário*», por uma contida *Stabat Mater*, provavelmente durante esta campanha de Diogo Gomes (Figs. 17, 18, 19 e 20):

«Também se verificava a presença de repintes impostos como «correções doutrinárias», a seguir ao Concílio de Trento, caso da figura da Virgem Maria desfalecida na Descida da Cruz, que estava coberta por outra figura da Virgem, alteada e de pé, em resposta aos preceitos contrarreformistas que se baseavam numa leitura literal do cântico *Stabat Mater* [...]. Tal repinte dos fins do século XVI, que o recente restauro removeu, devia ser da responsabilidade de um pintor local, Diogo Gomes, que o introduziu sob efeito do espírito intolerante da «devassa» diocesana de 1591, que fora suscitada por muitas denúncias no arquipélago. Todos esses malefícios sofridos pelas tábuas impediam uma adequada observação do conjunto e das suas especificidades pictóricas»¹⁷¹.

Figura 17 – Painel do *Calvário* do retábulo-mor durante o levantamento do repinte da figura da Virgem



Fonte: fotografia DRC, 2013.

¹⁷¹ PEREIRA, CAETANO, CARVALHO, SERRÃO, 2017, «O Retábulo da Capela-Mor da Sé do Funchal [...]», pp. 41-42. *Vide também* SERRÃO, 2015, «A Diocese do Funchal na História da Arte em Portugal: a pintura quinhentista», p. 116; SERRÃO, 2012, «Impactos do Concílio de Trento na arte portuguesa entre o Maneirismo e o Barroco (1563-1750)», pp. 103-132; RODRIGUES, 2012, *A Pintura Proto-Barroca e Barroca no Arquipélago da Madeira entre 1646 e 1750 [...]*, tomo II, Anexo F (Tábua Cronológica, 2. Anotações sobre conservação e limpeza de retábulos e pinturas: 1600-1800), pp. 1-108.

Figura 18 – Painel do *Calvário* do retábulo-mor durante o levantamento do repinte da figura da Virgem (pormenor)



Fonte: fotografia DRC, 2013.

Figura 19 – Painel do *Calvário* após o restauro



Fonte: fotografia DRC, 2014.

Figura 20 – Painel do *Calvário* após o restauro e pormenor da figura da Virgem



Fonte: fotografia DRC, 2014.

É, pois, neste contexto, e em cumprimento da disposição acerca «Da invocação, veneração, e Relíquias dos Santos e sagradas Imagens» para que se não expusesse imagem alguma de falso dogma que pudesse induzir «os rudes» em erro¹⁷², que se enquadra o repinte da figura da Virgem.

Numerosas obras de reparação e manutenção, em diferentes campanhas, ficaram documentadas. Em 1583, a 22 de Outubro, com assinatura de João de Nabais, atesta-se que:

«se alimpou o adro da see todo ao redor della e dentro na cerca e se consertou o payol da porta travessa da banda de cima que estava para cair em que se despendeo o seguinte: com hũ pedreiro e boeiro e servidores e o hũ dia cerá sesenta rs / os servidores seis dias seiscentos rs. O boeiro cinquenta cayxas que levou de entulho fora quinhentos rs a dez rs por cayxa que faz tudo soma de mil e duzentos e sesenta rs»¹⁷³.

¹⁷² REYCEND, 1781, *O sacrosanto, e ecumenico Concilio de Trento em latim e portuguez*, vol. II, p. 353.

¹⁷³ AHDF, Sé, *Fábrica da Sé: Recebimento e Despesa*, 1580-1596, liv. 57, fl. 106v.º.

Em 1603,

«Quando se fez o cuberto da Capella mór da See ordenarão se pera isso hũa grãde soma de ripas de taboado de til q[ue]. tinha a fabrica q[ue]. foy juntamente com o reparo dos telhados das capelas e cruzeiro da dita See quando se riparão de novo destas ripas sobejarão algũas q[ue]. por se não perderem se venderão a duzentos rs a dúzia»¹⁷⁴.

Filipe III de Portugal, a 28 de Fevereiro e 28 de Abril de 1635, ordenou que se fizesse a obra da capela-mor por conta da Real Fazenda, através de cartas

«apontadas a pag. 81 de *Memorias sobre a criação e augmento do Estado Ecclesiastico na Ilha da Madeira* [...] E, com effeito, á primeira vista se reconhece na obra do altar-mór o cunho do gosto decadente e mestiço do século XVII. É, pois, deste século que se deve contar o termo da edificação do templo [...]»¹⁷⁵.

Esta opinião de Álvaro Rodrigues de Azevedo, publicada em 1873, acerca da alteração feita no século XVII, revela não só um olhar crítico em relação a descaracterizações na obra original, mas também se enquadra na exaltação do manuelino, iniciada por Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878) no contexto do romantismo, com o seu corolário que é a desvalorização desse «decadente e mestiço» período barroco.

A 1 de Junho e 1 de Julho de 1658, um pintor esteve trabalhando no altar-mor da Sé, não sendo explícito o tipo de obra, embora pelas verbas diminutas sejam apenas actos de limpeza: «dei ao pintor p[ar].^a comprar p[ar].^a limpar o altar-mor» (\$960 réis); «cõ o pintor» (\$960 réis); «Mais com o pintor como lhe acabei de pagar obra do altar-mor» (4\$080 réis)¹⁷⁶.

Outra obra de pequena monta decorreu em 1682, custando apenas 4\$550 réis, «d[inhei]r.^o que se gastou no reboquar e cayar a Cappella mor da See, e as Naves, aos officiais de pedreiro e serventes, conforme o rol q[ue]. fica em meu poder, balde, pincel e hum cocho»¹⁷⁷.

Novamente obras de concertos, na capela-mor, naves, sacristia e casa do Cabido, decorreram em 1698, com os pedreiros António Fernandes e António de Freitas e o

¹⁷⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, fls. 82v.^o-83.

¹⁷⁵ Nota de Álvaro Rodrigues de Azevedo [1873], in FRUTUOSO, 2008, *As Saudades da Terra* [...], [c. 1583-1590], p. 567. O autor refere Filipe II de Portugal, mas trata-se de Filipe III de Portugal e IV de Espanha, o *Grande*, que teve a coroa dual entre 1621 e 1640. O referido documento manuscrito, *Memorias sobre a criação e augmento do Estado Ecclesiastico na Ilha da Madeira*, encontra-se na Biblioteca Municipal do Funchal.

¹⁷⁶ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 238v.^o.

¹⁷⁷ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 280v.^o.

mestre oficial Filipe da Silva¹⁷⁸. Atesta-se, assim, que quando o bispo Frei D. José de Santa Maria saiu do Funchal, em 1696, estava a capela-mor em obras.

Em 1700, regista-se que

«por notícia q[ue]. o Ill[ustrissi].^{mo} Senhor Bispo do Porto¹⁷⁹ foi servido mandar hua partida de oiro p[ar].^a se continuar a obra da capella Mor da nossa See; e porq[ue]. he razão q[ue]. se acabe o q[ue]. está comessado queira V[ossa]. S[enhor]i^a remeternos os Ministros, q[ue]. athe agora com ella concorrerão para nos darem conta do que tem recebido da consinação (sic) para ella feita, e do q[ue]. se tem despendido p[ar].^a dispormos a forma da continuação»¹⁸⁰.

António Lopes, pintor e dourador, que em 1702 limpou o altar-mor da Sé, aplicou óleo nos painéis e dourou umas rosas¹⁸¹, parece artista preferido da catedral, pois anos antes, em 1695, a 23 de Janeiro, assinou compromisso para pintar e dourar as cadeiras do coro:

«Digo eu Antonio Lopes dourador q[ue]. he verdade estou conchavado com o m[ui].^{to} R[everendo]. S[enhor]r. Conigo Ant[oni]o. Lopes deandrada p[ar].^a pintar e dourar yaspear As cadeiras dos m[ui].^{tos} R[everen]d.^{os} Senhores Conygos da S[an].^{ta} Se desta Si[da].^{de} e juntam[en].^{te} pintar As dos padres capelois na forma do rescunho que dey Ao dito S[en]h[or] or por preso (sic) de des mil reis cada cadeira que Ao todo emporta duzentos e Corenta mil reis os coais me dará o dito S[en]h[or] em d[in]hei[r].^o de contado pondo eu o ouro e tintas e o peguarei na dita obra todos as vezes q[ue]. o dito S[en]h[or] quizer e querendo tão bem os padres Capelois ouro nas suas cadeiras serão obrigados os ditos senhores conigos ao darem e por asim ser verd[ad].^e e obrigar afazer A dita obra fis este por mim feito e asinado hoje 23 de Yaneiro de 1695. Antonio Lopes // Declaro q[ue]. as feugas das cadeiras hande ser estofadas na forma de São pedro q[ue]. levey a mostrar aos ditos R[everen]d.^{os} Senhores conigos e me obrigo ao todo referido conclavo(?) era assim. Antonio Lopes». (Verso) «De Antonio Lopes dourador»¹⁸².

Data de 1710 e 1711, quando a Sé é descrita como «hum dos Templos deste Reyno, e o mais Sumptuoso dos ultramarinos», uma provisão significativa de obras:

«se acha a capella mor della sem a decência que parece precisa nas paredes dos lados por estarem nuas, o q[ue]. não condiz com a mais obra; principal[men].^{te} com o tecto da d[it].^a capella q[ue]. oje Sup[er]l[ican].^{tes} á sua custa fizeram pintar e dourar, como também fizeram á sua custa reformar o dourado do retabolo da d[it].^a Capella mor, sem attenderem q[ue]. as suas rendas são som[ent].^{te} hũas congruas sustentações como V[ossa]. Mag[esta].^{de} hé

¹⁷⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receitas e Despesas da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 311v.º.

¹⁷⁹ Trata-se de D. Frei José de Santa Maria (1690-1696, Funchal; 1697-1708, Porto).

¹⁸⁰ DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 9, doc. 11.

¹⁸¹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, fl. 321.

¹⁸² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica – Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 4; FERREIRA, 1963, *A Sé do Funchal*, pp. 250-251.

notório, e porque só ficará com melhor decência a d[it].^a Capella apaynellando se as duas paredes em os dous lados que se achão nuas só com a cal»¹⁸³.

Pediam, assim, que «V[ossa]. Mag[esta].^{de} seja servido mandar orçar a ditto obra para q[ue]. com effeyto se apaynellem as d[it].^{as} paredes da Capella mor da ditto Sé passando se para este effeito de faça a d[it].^a obra e receberam mercê». No despacho era pedido que o Provedor da Fazenda visse a petição e conteúdo do Cabido da Sé. Seguiu informação, assinada no Funchal a 2 de Setembro de 1710, que o

«Senhor Rey Dom Manoel mandou fazer, hé hũ dos melhores [templos] deste Reyno, e a obra do Choro e Retabulo da Capella mor das mais primorozas daquelle tempo, mas como as paredes dellas não têm ornato algũ fica com este defeyto com menos luzimento, e algũ género de indigencia, o que se pode remediar, mandando se apaynellar as paredes das cadeyras para sima, em q[ue]. não fica grande vs [?], e como a fábrica não pode dar p[ar].^a esta despeza [...] lhes mandar fazer esta obra»¹⁸⁴.

O despacho, com a data de 9 de Outubro, e assinado em Lisboa a 31, ordenava que o «Provedor da faz[enda].^a da Ilha da Mad[ei]r.^a deve informar com mais miudeza do cumprimento e altura q[ue]. será vão q[ue]. fica sobre as cadeyras do choro da Cappella mor, mandando fazer orsamento á obra» e que tudo fosse colocado em pregão «nessa mesma ilha», sendo registado no Funchal, quase um ano depois, a 23 de Outubro de 1711¹⁸⁵.

O altar-mor é alvo de mais uma intervenção, possivelmente de conservação, em 1736, quando são gastos 13\$480 réis referentes a obras do retábulo, altar, panos para a sacristia, armários, bancos, casa dos meninos do coro, uma porta de cedro na corredora que dá para o jardim, pagos ao mestre carpinteiro João Moniz e seu irmão, e mais quatro oficiais e dois aprendizes, por dez dias de trabalho, que «andarão de 3 dias a por, e a armar o altar, retabulo e nove panos de Almarios, bancos e cabbido»¹⁸⁶.

Por sua vez, entre 1755 e 1759 há referência a uma empreitada feita com os mestres mais idóneos que incluiu pintura do tecto da capela-mor pelo pintor João António Villavicêncio, natural de La Laguna, bem como o douramento e pintura das cadeiras a cargo de Francisco Moniz. Em 1758 o entalhador ainda trabalhava nas cadeiras e nos remates¹⁸⁷.

¹⁸³ DGARQ/ANTT, *PJRF*, liv. 388, fls. 314 e 314v.º.

¹⁸⁴ DGARQ/ANTT, *PJRF*, liv. 388, fls. 314 e 314v.º.

¹⁸⁵ DGARQ/ANTT, *PJRF*, liv. 388, fls. 314-314v.º.

¹⁸⁶ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1722-1741*, liv. 9, fl. 102v.º.

¹⁸⁷ Considerámos que quando não é mencionado especificamente «coro alto», a documentação se refere ao cadeiral da capela-mor.

Nesta data, 1758, para as obras das cadeiras do coro da Sé, o Cabido mandou

«consertar, e fazer de novo, com a mesma obra com que forão feitas [...] [mandando] o mesmo R[everen].^{do} Cabbido, que o Cónego Fabriq[uei]r.^o se ajustasse com os Mestres mais idoneos, que lhe parece para fazerem toda a obra necessaria, assim de Entalhador, como de pintura do tecto da capella mor, se pintasse o frontispicio, e todas as frestas, e portas»¹⁸⁸.

Entre os mestres mais idóneos encontrava-se o pintor-dourador, natural de La Laguna, João António Villavicêncio, a quem foi entregue a obra de pintura do tecto da capela-mor, que será mais tarde mestre das obras reais, e que, embora seja pintor e dourador, foi denominado de «P[e]rito architecto»¹⁸⁹. As obras das cadeiras do coro tiveram início a 7 de Julho de 1755 e tinham sido ajustadas ao mestre Francisco Moniz, por 12\$000 réis cada uma, sendo o coro posto em seu lugar e com todas as guarnições, tendo o pagamento das férias dos carpinteiros decorrido entre 12 de Julho de 1758 e Setembro de 1759. Serraram e aparelharam esta obra os mestres José Gomes, António do Carmo, António Pereira, Manuel dos Santos, Manuel Gonçalves, Francisco Gomes e Manazay. Foram comprados: 33 chaprões de bordo a António de Ornelas (38\$640 réis); madeira de bordo a José Fernandes, fanqueiro; 294 pés de chaprões para os panos do topo das cadeiras na entrada do coro comprados à Companhia [de Jesus]; 662 pés de pinho e casquinha para assoalhar o coro comprados na casa «do médico». Na «pintura e douradura das cadeiras do coro» foram utilizados vários materiais: papel; couro de «estanque», couros de boi e lenha para cola; gesso, carvão, vermelhão; e ainda sabão, tigelas, peneira e «beijos». Acrescentaram a estes gastos «d[inhei]r.^o p[ar].^a 50 L[i]b[r].^{as} de Ouro por não ter chegado o que veio de L[ix]bo.^a por se pedir a medo comprado a Ant[oni].^o da Costa», que custou 67\$600 réis, mais aguarrás, resina, secante, «d[inhei]r.^o 26 L[i]b[r].^{as} de ouro p[ar].^a os panos dos topos das cad[ei]r.^{as} da entrada do coro», que orçou em 33\$800 réis¹⁹⁰.

Através de vária correspondência compreende-se o andamento das obras. Numa resposta a um despacho do bispo lê-se que, desde 1755, e ainda quando era fabriqueiro João Francisco de Ornelas, «foram feitas obras extraordinárias», sendo apresentadas as contas de 1755 a 1758. Entre essas «obras extraordinárias» ficaram registados os estrados e lajeados, «com todas as suas reformas», os seis confessionários, a pintura do frontispício sobre o arco da boca da capela-mor, a reforma das cadeiras do coro (douramento e pintura) e a «reforma da pintura do

¹⁸⁸ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fl. 144.

¹⁸⁹ LADEIRA, 2009, *A Talha e a Pintura Rococó no Arquipélago da Madeira (1760-1820)*, p. 39.

¹⁹⁰ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fls. 144v.^o-150v.^o. Pita Ferreira refere parte deste documento. FERREIRA, 1963, *A Sé do Funchal*, p. 249.

tecto da mesma capp[el].^a mor». A despesa feita com «toda a obra das cadeiras, e pintura do tecto da capela mor» somou a verba avultada de 1420\$600 réis, tendo sido pagos 160\$000 réis ao «M[estr].^e João Ant[oni].^o [Villavicêncio] por seu trabalho, e de seus officiais de dourar e pintar por ajuste feito», concluindo-se, assim, que foi este o pintor que coordenou a empreitada da pintura do tecto da capela-mor e do douramento das cadeiras do coro da Sé do Funchal (Fig. 21), como também da obra dos confessionários¹⁹¹.

«Attendendo o R[everen].^{do} Cabbido á grande indecência com que se achavão as Cadeiras do Coro, e carecim[en].^{to} se mandarão consertar, e fazer de novo, com a mesma obra com que forão feitas, tudo o que lhe faltava: Mandou o mesmo R[everen].^{do} Cabbido, que o Cónego Fabriqu[eir].^o se ajustasse com os Mestres mais idoneos, que lhe parecece para fazerem toda a obra necessaria, assim de Entalhador, como de pintura do tecto da capella mor, se pintasse o frontispicio, e todas as frestas, e portas»¹⁹².

Figura 21 – Cadeiral da Capela-Mor da Sé do Funchal, talha do século XVI, dourado e pintado no século XVIII, depois do restauro



Fonte: fotografia de Roberto Pereira / DRC, 2014.

¹⁹¹ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fls. 149v.^o-150, 152v.^o-153.

¹⁹² DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fl. 144; FERREIRA, 1963, *A Sé do Funchal*, p. 249.

Durante esta campanha de obras, de 1758, surge um «M[estr].^e Entalhador» executando «48 remates ajustado cada hú em 12\$000 rs e de fazer toda a mais obra, que se acha nas cadeiras, excepto quatro remates, que admetirão consertarem se»¹⁹³. O valor total da obra foi de 576\$000 réis, não ficando claro se esta verba era apenas do trabalho do entalhador ou se abarcava também toda a obra de pintura do tecto da capela-mor, que então decorria. Outro documento, em 1771, clarifica mais gastos com outras obras, sendo entregue dinheiro a um boieiro que deitou o entulho do adro ao Aljube – 1\$500 réis; «d[inhei]r.^o ao António Moniz pelo seu trabalho» – 1\$000 réis; a um carpinteiro do conserto da guarda – \$200 réis; «p[ar].^a 2 oficiaes de Pedr[eir].^o q[ue]. retelharão o teto da capela mor» – 1\$500 réis; «a hú official de Carpint[ei]r.^o q[ue]. trabalhou a hum dia no teto da capella mor» – \$300 réis; «a Francisco por lansar fora o entulho do telhado» e «de sima da abóboda» – \$200 réis; ao serralheiro – \$700 réis; por dois chaprões de pinho de casquinha – 2\$000 réis; por tábuas de pinho – \$600 réis e outra de \$750 réis; por telha para a capela-mor – 1\$600 réis; «ao pedr[eir].^o q[ue]. tomou as gotas da lgr[ej].^a» – \$600 réis; e vários gastos com fechaduras, pregos, missagras, etc.¹⁹⁴

Documentação de 1791 atesta ter havido um projecto para renovar o altar-mor, segundo o risco do mestre das obras reais, que julgamos ter ficado apenas por restauro ou melhoria. O cônego Duarte Guilherme Allen assumiu o cargo de fabriqueiro em 1799, depois do falecimento do anterior, continuando as obras¹⁹⁵. É provável que na fase final destas tenha sido colocado o *Ecce Homo* ou *Senhor da Cana Verde*, pintura seiscentista de oficina nacional, no retábulo da capela-mor. A tela já existiria na catedral, pois um inventário de 1798 dá conta de um «*Ecce Homo*» na sacristia nova. A documentação consultada é omissa em relação à data da sua colocação e o restauro efectuado entre 2013-2014 optou por retirá-lo, de forma a ficar o retábulo mais próximo da sua configuração primeva.

Em 1796, o boieiro Manuel Rodrigues, de alcunha o *Xurrio*, recebeu 7\$000 réis por deitar o entulho que estava no adro¹⁹⁶, com certeza porque teria havido obras. Em 1799, recebeu o fabriqueiro 1000\$000 réis «para obra da Capela Mor»¹⁹⁷. Este montante faz pressupor uma profunda remodelação.

¹⁹³ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1741-1768*, liv. 10, fl. 149v.^o.

¹⁹⁴ DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal – 1769*, liv. 8, fl. 44v.^o.

¹⁹⁵ DGARQ/ANTT, PJRFF, liv. 427, fl. 43.

¹⁹⁶ DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 23, doc. 30.

¹⁹⁷ DGARQ/ANTT, PJRFF, liv. 476, fl. 91.

O padre Pita Ferreira anota, criticamente, algumas alterações descaracterizadoras que as obras do século XVIII causaram no retábulo-mor:

«No último quartel do século XVIII, sofreu o retábulo da Sé um arranjo infeliz.

Foram-lhe adaptadas várias peças de talha dourada, pertencentes ao antigo camarim da Confraria do Santíssimo, que lhe tiraram a graça e leveza.

São as seguintes: os frisos, que vêem na fiada superior e na central; as treze pequenas imagens, que estão colocadas nos nichos das pilastras e no nicho do sacrário; as seis cabeças de anjo do andar central e seis ornatos quadrados, correspondentes àquelas, da fiada superior; as onze rosetas do nicho de baixo, as duas volutas, que ladeiam a parte superior do sacrário e a peanha dourada, que está sobre este.

Os nichos do corpo central também não foram poupados.

O da fiada superior, em que estava colocado o Crucifixo, desapareceu para dar lugar à tela «Ecce Homo», que ainda ali se conserva, e o da fiada central foi totalmente transformado, adaptando-se-lhe na parede do fundo um baixo relevo dourado, em que está esculpida a «Fé», que no antigo camarim fazia «pendant» com a «Caridade», exposta no Museu de Arte Sacra, e, nas paredes laterais, dois evangelistas.

A coroar este nicho, foram adaptadas duas inestéticas volutas e dois ornatos com frutos, a que nem se deram à maçada de adapta-los com arte, dando a qualquer pessoa que os aprecia, a impressão de que o trabalho da sua colocação no retábulo foi obra dum remendão»¹⁹⁸.

Felizmente o restauro de 2013-2014 minimizou estas descaracterizações, procurando devolver o significado original ao conjunto, deixando visíveis as marcas de perdas irreparáveis, caso da talha de emolduramento do nicho da fiada superior (Fig. 22). Os avanços científicos e técnicos recentes, aliados à crescente consciencialização da importância histórica e identitária do património, têm permitido conhecer e preservar cada vez melhor as peças, com crescente acompanhamento científico e apoio laboratorial. Refira-se, ainda, que em 1940 quatro pinturas do altar-mor (*Oração de Cristo no Horto, Anunciação, Encontro entre Abraão e Melquisedeque e Apanha de Maná*) foram retiradas da estrutura retabular e transportadas para Lisboa para integrarem a *1.ª Exposição dos Primitivos Portugueses*. Foram intervencionadas pelo pintor-restaurador Fernando Mardel (1884-1960)¹⁹⁹, no antigo Instituto José de Figueiredo, em Lisboa.

¹⁹⁸ FERREIRA, 1963, *A Sé do Funchal*, p. 242.

¹⁹⁹ Sobre Fernando Mardel *vide* COUTO, 1960, «Fernando Mardel», pp. 1-2; FERREIRA, PEREIRA, CANDEIAS, LORENA, 2018, «O estudo das intervenções de Fernando Mardel nas pinturas do MASF. Contributos para a sua conservação», pp. 72-90.

Figura 22 – Retábulo do Altar-Mor da Sé do Funchal depois da campanha de conservação e restauro de 2013-2014



Fonte: fotografia de Roberto Pereira / DRC, 2014.

Em 1996 e 1997 foi efectuado, por Eleonor Leitão e Georgina Garrido, um restauro do retábulo do altar do Senhor Jesus, no transepto sul, cuja talha data de uma remodelação feita em 1677, tendo sido acrescentada a fiada superior em 1683-84, como já referido, pelos imaginários Manuel Pereira e Manuel Pereira de Almeida. Na parte inferior integra um crucifixo em vulto, quatro pinturas de Michiel Coxcie (*Encontro de Santa Ana e S. Joaquim na Porta Dourada*, *Fuga para o Egipto*, *Adoração dos Magos* e *Circuncisão*), de 1581. Na parte superior estão três telas de finais do século XVII (*Ressurreição*, ladeada por uma tela de *São Pedro* e outra de *São Paulo*), de oficina nacional. À mesma equipa se deve o restauro da pintura do tecto da capela-mor entre 1997 e 1998.

Na «sacristia nova» existem doze espaços para a colocação de pinturas, mas hoje restam apenas oito. Tratam-se de telas pintadas a óleo, já do século XIX: *Adoração dos Pastores* (assinada «conigo Barros anno de 1811»); *O Velho Simão* (assinada (?) «MOR»), *Jesus diante de Caifás* (assinada «Faria»), *A oração no horto*, *O caminho do*

Calvário (assinada «Soares»), *O descimento da cruz* (assinada «Aguiar»), *A Ressurreição* e *Figuras da Eucaristia*. Entre 2016 e 2020, quatro destas telas foram limpas, conservadas e restauradas pelo Atelier Calçada (Funchal), sob a coordenação do conservador-restaurador Paulo Olim.

O retábulo-mor e o cadeiral foram restaurados em 2013-2014, como inicialmente informámos, na sequência do levantamento e análise do estado de conservação que tiveram início em 2011.

Em 2017 foram intervencionadas, numa campanha de conservação e restauro, pelo atelier Isopo, sob a coordenação da conservadora-restauradora Marília Carvalheira, as quatro pinturas de Michiel Coxcie, do altar de Santo António (*São Jerónimo*, *Vocação de São Mateus*, *São Lourenço* (Figs. 23 e 24) e *São Francisco recebendo os estigmas*, que integraram a exposição *As Ilhas do Ouro Branco. Encomenda artística da Ilha da Madeira: Século XV e XVI*, que teve lugar no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Toda a estrutura retabular deste altar necessita de urgente intervenção. Em 2017 a torre sineira da Sé foi intervencionada, ao nível da consolidação das cantarias, sob a coordenação do conservador-restaurador Nuno Proença, da empresa Nova Conservação.

Figura 23 – Altar de Santo António, *São Lourenço* (em cima), finais do século XVI, atribuído a Michiel Coxcie, antes do restauro



Fonte: ABM, COLFOT, n.º inv. 4770.

Figura 24 – Altar de Santo António, *São Lourenço*, finais do século XVI, atribuído a Michiel Coxcie, depois do restauro



Fonte: fotografia de Ricardo Faria Paulino / DRC, 2017.

Actualmente (2020) decorre uma grande campanha de conservação e restauro na totalidade dos tectos mudéjares da Sé (nave central, naves laterais e transepto): «Conservação e restauro dos tetos mudéjares da Sé do Funchal», resultante de uma candidatura a fundos comunitários (FEDER), aprovada pelo Instituto de Desenvolvimento Regional (IP-RAM), sob coordenação da Secretaria Regional de Turismo e Cultura, Direção Regional da Cultura e Direção de Serviços de Museus e Património Cultural, que conta com uma equipa de acompanhamento técnico do Laboratório José de Figueiredo – Direção Geral do Património Cultural (Lisboa), sendo a obra executada pela empresa Samthiago Conservação e Restauro (Figs. 25 e 26).

Figura 25 – Tecto Mudéjar da Sé do Funchal, século XVI: parte do tecto antes do restauro



Fonte: fotografia de DRC, 2001.

Figura 26 – Tecto Mudéjar da Sé do Funchal, século XVI: pormenor de um pingente durante a intervenção de conservação e restauro em 2020



Fonte: fotografia de Ricardo Faria Paulino / DRC, 2020.

É, por isso, importante que antes e durante qualquer campanha de conservação e restauro, como aconteceu entre 2011-2103 e 2013-2014 com o retábulo e cadeiral da Sé, exista um coordenado trabalho interdisciplinar e multidisciplinar, porque

«O conhecimento histórico e estilístico do bem cultural é de grande relevância para o estabelecimento de uma metodologia de intervenção de conservação e restauro, logo a cooperação entre o conservador-restaurador e o historiador de arte é de extrema importância no sentido de se limitar a intervenção entre o necessário e o supérfluo.»²⁰⁰

Conclusão

Como vimos, são múltiplos os factores de degradação do património artístico da Sé: as limpezas efectuadas pelos zeladores que recorreram a produtos e procedimentos danosos para o património artístico; as armações festivas pregadas na talha e nas paredes; a poeira levantada pelos trabalhos de pavimentação aliados à repetida prática de enterramentos no interior da igreja; a acção de xilófagos; a humidade do clima agravada em períodos de temporais; por fim, renovações feitas sem o devido cuidado e saber.

Apesar destas vicissitudes e das grandes perdas de arte quinhentista e das primeiras décadas de Seiscentos, depreendidas da vasta documentação consultada referente à Sé do Funchal, subsiste, ainda, um significativo espólio patrimonial, artístico e devocional, admirado pela sua longevidade, mas sobretudo pela beleza e eloquência com que continuam a desafiar os espectadores. Desde o próprio edifício, exemplo emblemático do manuelino atlântico no esplendor do gótico final, ao rico património móvel e móvel-integrado, com especial destaque para o que de original é ainda observável *in situ*, como o retábulo-mor e o cadeiral, concluídos em 1517.

As principais intervenções documentadas neste conjunto são, em suma, as seguintes: a de Diogo Gomes, pintor dourador, num primeiro restauro do retábulo-mor, em 1594; uma possível limpeza no altar-mor, em 1658, por um pintor não identificado; o compromisso assinado por António Lopes, pintor e dourador, em 1695, para pintar e dourar as cadeiras do coro; a limpeza do altar-mor, a aplicação de óleo nos painéis e o douramento de umas rosas pelo mesmo pintor em 1702; uma intervenção não especificada, em 1736, no altar-mor e no retábulo; a empreitada levada a cabo entre 1755 e 1759 para a pintura do tecto da capela-mor pelo pintor

²⁰⁰ CANDEIAS, FERREIRA, GOMES, LORENA, NASCIMENTO, 2016, «Conservação e restauro das pinturas do retábulo da capela-mor da Sé do Funchal [...]», p. 159.

João António Villavicêncio, bem como para o douramento e pintura das cadeiras a cargo de Francisco Moniz; um projecto, de 1791, para renovar o altar-mor, segundo o risco do mestre das obras reais, de que não se conhece claramente o desfecho; uma notícia de continuação das obras em 1799, período em que, provavelmente, foi colocado o *Ecce Homo* no centro da fiada superior do retábulo da capela-mor; a colocação da «*Nossa Senhora da Assunção*» no nicho central após 1950; o profundo restauro do retábulo e do cadeiral em 2013-2014 que, para além dos indispensáveis procedimentos de conservação, veio devolver às pinturas e à talha vivacidade e legibilidade.

Fontes Manuscritas

ABM, AHDF, *Carta da Visita Ad Limina*, 26 de Setembro de 1693, mf. 670.

ABM, ANTT, *Fábrica da Sé*, mf. 11, fl. 107.

ABM, Sé, *Baptismos: 1597-1697*, liv. 13.

ABM, Sé, *Baptismos: 1632-1667*, liv. 16.

AHDF, *Regimento de Visitadores para o Bispado do Funchal*, 8 de Fevereiro de 1589, doc. avulso.

AHDF, Ribeira Brava, *Provimentos e Visitações*.

AHDF, São Pedro, liv. 41.

AHDF, São Pedro, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica Pequena*, liv. 43.

AHDF, Sé, *Fábrica da Sé: Recebimento e Despesa*, 1580-1596, liv. 57.

AHDF, Seixal, *Visitações e Provimentos: 1591-1703*.

BNP, Tarouca, 150, «Relação do Synodo diocesano, que se celebrou na Sancta See da Cidade do Funchal da Ilha da Madeira».

DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 6, doc. 1.

DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal – Provimento da Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33.

DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal, Confraria de Nossa Senhora do Amparo: 1626*, liv. 27.

DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal, Confraria do Bom Jesus: 1683-1754*, liv. 21.

DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal, Fábrica – Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 2 (1572 – 15 de Junho – Provisão de D. Fernando de Távora, bispo do Funchal, sobre as obras da Sé); doc. 3 (1692 – 28 de Janeiro de 1692 – Provimento do bispo sobre faltas na Sé); doc. 4 (1695 – 23 de Janeiro); doc. 14 (1754, 30 de Maio, Lisboa); doc. 15 (Abril a Junho de 1755 – Treslado dos autos de arrematação de obras da Sé).

- DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica da Sé: 1722-1741*, liv. 9, mf. 3577; liv. 10, mf. 3576.
- DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Documentos Avulso, Contas II*, mç. 24, doc. 7; doc. 42; doc. 48.
- DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Documentos Avulso, Contas II*, mç. 24, doc. 12; doc. 21; doc. 41.
- DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Fábrica, Livro de Receita e Despesa: 1574-1604*, liv. 6, mf. 3573.
- DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Inventário de Prata e Ornamentos: 1590-1685*, liv. 34.
- DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica da Sé do Funchal: 1769*, liv. 8, mf. 3575.
- DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Fábrica Pequena: 1609-1703*, liv. 7, mf. 3558.
- DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Livro de Receita e Despesa da Confraria de Nossa Senhora do Rosário*, liv. 24, mf. 3529.
- DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 1, doc. 1 (24 de Junho de 1589 – Inventário de livros e documentos existentes no cartório da Sé – «Inventario que se fez per mandado do Illustrissimo S[e]n[h]or Bispo dom luís de figueiredo dos livros & papeis que há no cartório desta see»).
- DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 10, doc. 20 (Funchal, 31 de Dezembro de 1798 – Inventário das relíquias, imagens e ornamentos da Sé).
- DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 20, doc. 37 (1735 – Compromisso da Confraria do Bom Jesus da Sé, Bispo Manuel Coutinho manda acudir à confraria, treslado, Janeiro de 1767).
- DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 23, doc. 30; doc. 33; doc. 35; doc. 40; doc. 41; doc. 43; doc. 44.
- DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 9, doc. 7 (I – Lisboa – 6 de Janeiro de 1568 e II – 27 de Maio de 1569 – Lisboa – D. Fernando de Távora).
- DGARQ/ANTT, *Cabido da Sé do Funchal*, mç. 9, doc. 11 (Carta de D. José de Sousa Castelo Branco – Funchal e Machico – 1699, 1700, 1702 e 1715).
- DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Obras e Sentenças (I)*, mç. 29, doc. 2 (Provisão de D. Fernando de Távora, bispo do Funchal, sobre as obras da Sé).
- DGARQ/ANTT, Cabido da Sé do Funchal, *Provimto de Visitação para o Cabido: 1587-1613*, liv. 33.
- DGAQR/ANTT, *Conselho da Fazenda*, liv. 314, mf. 4446.
- DGARQ/ANTT, *Provedoria e Junta da Real Fazenda do Funchal*, liv. 388 (1700-1718).

DGARQ/ANTT, *Provedoria e Junta da Real Fazenda do Funchal*, liv. 427.

DGARQ/ANTT, *Provedoria e Junta da Real Fazenda do Funchal*, liv. 476.

DGARQ/ANTT, Sé do Funchal, *Confraria de Nossa Senhora do Rosário*, liv. 24, mf. 3529 P.

DGARQ/ANTT, Sé do Funchal, *Confraria de São Jorge*, liv. 16.

Fontes Impressas

BLUTEAU, Raphael, 1713, *Vocabulário Português e Latino, Áulico, Anatômico, Arquitectónico, Bélico, Botânico, Brasília, Cómico, Critico, Químico, Dogmático* [...], Coimbra, no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu.

Constituições Extravagantes do Bispado do Funchal: feitas & ordenadas por dom Luis de Figueiredo de lemos Bispo do dito Bispado, 1601, Com licença & approuação do Conselho geral da Santa Inquisição & Ordinario, Em Lisboa, Impresso por Pedro Crasbeeck.

Constituições Synodaes do Bispado do Funchal, Feytas & ordenadas por Dom Ieronymo Barreto Bispo do dito Bispado. Impressas em Lisboa, de mandado do dito senhor Bispo, & com licença & approuação do Concelho geeral da sancta Inquisição, & do ordinário, 1585, Por Antonio Ribeiro Impressor.

FRANÇA, Isabella de, 1970, *Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal (1853-1854)*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

FRUTUOSO, Gaspar, 2007, *As Saudades da Terra: História das Ilhas do Porto Santo, Madeira e Selvagens*, Manuscrito do Século XVI anotado por Álvaro Rodrigues de Azevedo, [c. 1583-1590], introdução de Alberto Vieira (XX), *Fac-Símile* da edição de 1873, Funchal, Funchal 500 Anos.

LEITE, Jerónimo Dias, 1989, *Descobrimento da Ilha da Madeira*, [c. 1579] Lisboa, Publicações Alfa.

NORONHA, Henrique Henriques de, 1996, *Memórias Seculares e Eclesiásticas para a Composição da História da Diocese do Funchal na Ilha da Madeira [1722]*, Funchal, SRTC/CEHA.

PEREIRA, Fernando Jasmíns, 1990, *Documentos sobre a Madeira no Século XVI existentes no Corpo Cronológico – Análise Documental*, vol. I – Sumários, vol. II – Índices, Lisboa, ANTT.

Relaçam dos terriveis efeitos, que cauzou o TERREMOTO que sentio a ILHA DA MADEIRA na noite de 31. de março de 1748. II. PARTE. COMPENDIADA DE OUTRA, que se escreveu da Ilha do Funchal a 17. de Mayo do mesmo anno, 1748, Lisboa, Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N. S.

REYCEND, João Baptista, 1781, *O sacrosanto, e ecumenico Concilio de Trento em latim e portuguez*, , vol. II, Lisboa, Off. de Francisco Luiz Ameno.

Bibliografia

- ANTUNES, Joana, CAETANO, Joaquim Oliveira, CARVALHO, Maria João Vilhena de, 2014, «Novos dados sobre Olivier de Gand», in *Invenire*, n.º 8, Jan.-Jun., pp. 14-21.
- AVELLAR, Filipa Gomes, 2003, «Epigrafia e iconografia na Igreja de Santa Maria Maior do Funchal», in *Monumentos*, n.º 19, Dossier Sé do Funchal, Lisboa, DGEMN/MOPHT, pp. 72-83.
- BRAGA, Maria Manuela Correia, 2003, «Apontamentos acerca do cadeiral», in *Monumentos*, n.º 19, Dossier Sé do Funchal, Lisboa, DGEMN/MOPHT, pp. 56-63.
- «cambraia», 2008-2020, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], disponível em <https://dicionario.priberam.org/cambraia>.
- CANDEIAS, António, FERREIRA, Carolina, GOMES, Sofia, LORENA, Mercês, NASCIMENTO, Glória, 2016, «Conservação e restauro das pinturas do retábulo da capela-mor da Sé do Funchal – Contributo, no contexto contemporâneo da preservação, defesa e valorização do património cultural», in GLÓRIA, Ana Celeste (coord.), *O Retábulo no Espaço Ibero-Americano – Forma, Função e Iconografia*, vol. 2, Lisboa, Instituto História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Nova, pp. 155-166.
- CARITA, Rui, 1989, «A igreja da Madeira nos séculos XV e XVI — O documento de sagração da Sé Catedral do Funchal», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. I, Funchal, SRTCE/DRAC, pp. 325-343.
- CARITA, Rui, 1988, *O Colégio dos Jesuítas do Funchal*, 2 vols., Funchal, GRM/SRE.
- CARITA, Rui, 1992, *História da Madeira (1600-1700) – As dinastias Habsburgo e Bragança*, III vol., Funchal, SREJE.
- CARITA, Rui, 1998, «A capela do Senhor Jesus da Sé do Funchal», in *Islenha*, n.º 22, Funchal, DRAC, pp. 5-10.
- CARITA, Rui, 2015, *A Sé do Funchal: 1514-2014*, Funchal, SRTCT/DRAC.
- CARITA, Rui, 2016, «A Sé do Funchal», in *Aprender Madeira*, <http://aprendermadeira.net/se-do-funchal/>, acedido a 2020.05.07.
- CARITA, Rui, 2016, «cemitérios», in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/ceimiterios/>, acedido a 2020.05.07.
- CARITA, Rui, 2016, «lápides sepulcrais», in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/lapides-sepulcrais/>, acedido a 2020.05.07.

- COUTO, João, 1960, «Fernando Mardel», in *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, fasc. III, vol. IV, Janeiro a Dezembro, pp. 1-2.
- «farricoco», 2008-2020, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], disponível em <https://dicionario.priberam.org/farricoco>.
- FERREIRA, Carolina, PEREIRA, Fernando António, CANDEIAS, António, LORENA, Mercês, 2018, «O estudo das intervenções de Fernando Mardel nas pinturas do MASF. Contributos para a sua conservação», in *MASF Journal*, n.º 1, Funchal, pp. 72-90, disponível em https://issuu.com/masfunchal/docs/masf_journal_01, acedido a 2020.05.07.
- FERREIRA, Pita, 1963, *A Sé do Funchal*, Funchal, JGDAF.
- FIGUEIREDO, Cândido, 1913, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- FREITAS, Eugenio de Andrea da Cunha e, 1958, «O Terramoto de 1748», in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. V, n.º 28, Funchal, pp. 30-31.
- GOMES, João Lemos, 1966, «Arranjo e modificação do camarim da Sé do Funchal», in *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Sociedade de Concertos da Madeira, n.º 36, pp. 25-27.
- GOMES, Saul António, 2009, «Sagrados monumentos. Relíquias de mártires e de santos em Portugal», in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano VIII, n.º 15, pp. 59-84.
- LADEIRA, Paulo, 2009, *A Talha e a Pintura Rococó no Arquipélago da Madeira (1760-1820)*, Funchal, SREC/CEHA.
- MACHADO, Dinarte, DODERER, Gerhard (coord.), PEREIRA, Alda, 2009, *Órgãos das Igrejas da Madeira*, Funchal, DRAC.
- MARQUES, Joseph, 1764, *Novo Dicionário das Línguas Portuguesa e Franceza com termos latinos*, 1.ª ed., 2 vols., Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- MARTENS, Didier e SANTA CLARA, Isabel, 2012, «Exotisme flamand mitigé à Madère: les huit Coxcie de la cathédrale de Funchal», in *Handelingen van de Koninklijke Kring voor Oudheidkunde, Letteren en Kunst van Mechelen*, Mechelen, Koninklijke Kring voor Oudheidkunde, Letteren en Kunst van Mechelen, n.º 116, pp. 71-113.
- MENDONÇA, Isabel, 2015, «As sacristias barrocas da Sé e do Colégio jesuítico do Funchal», in FRANCO, José Eduardo, COSTA, João Paulo Oliveira e (dir.), *Diocese do Funchal. A primeira Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidade*, vol. II, Lisboa, Diocese do Funchal, pp. 179-212.
- MOREIRA, Rafael, 2015, «O Cadeiral da Sé do Funchal: Novos Elementos», in FRANCO, José Eduardo, COSTA, João Paulo Oliveira e (dir.), *Diocese do Funchal. A primeira*

- Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidade*, vol. II, Lisboa, Diocese do Funchal, pp. 251-260.
- MOREIRA, Rafael, 2000, «Dois escultores alemães em Alcobaça: Machim Fernandes e João Alemão», in *Arte e Arquitectura nas Abadias Cistercienses nos Séculos XVI, XVII e XVIII*, Lisboa, IPPAR, pp. 93-119.
- MOREIRA, Rafael, 2003, «Os autores do retábulo e do cadeiral», in *Monumentos*, n.º 19, Dossier Sé do Funchal, Lisboa, DGEMN/MOPHT, pp. 65-67.
- PEREIRA, António Baptista Pereira, CAETANO, Joaquim Oliveira, CARVALHO, José Alberto Seabra de, SERRÃO, Vítor, 2017, «O Retábulo da Capela-Mor da Sé do Funchal – Obra Marcante do Patrocínio Régio. Nos inícios do Século XVI», in PEREIRA, Fernando António Baptista, SOUSA, Francisco Clode de (coord.), *As Ilhas do Ouro Branco. Encomenda Artística na Madeira: Séculos XV-XVI*, Lisboa, MNAA / 600 Anos Madeira e Porto Santo, pp. 36-53.
- PEREIRA, Fernando António Baptista, 1997, «Importante descoberta na Sé do Funchal. Painéis do Altar do Senhor Jesus da autoria de pintor flamengo», in *Jornal da Madeira*, 1 de Janeiro, pp. 2-4.
- PEREIRA, Fernando António Baptista, CLODE, Luiza, 1997, *Museu de Arte Sacra do Funchal – Arte Flamenga*, Lisboa, Edicarte.
- PEREIRA, Fernando António Baptista, SOUSA, Francisco Clode de (coord.), 2017, *As Ilhas do Ouro Branco. Encomenda Artística na Madeira: Séculos XV e XVI*, Lisboa, MNAA / 600 Anos da Madeira e Porto Santo.
- PEREIRA, Fernando Jasmins, 1991, *Estudos sobre História da Madeira*, Funchal, SRTCE/CEHA.
- RODRIGUES, Rita, 2010, «Manuel Pereira, entalhador e imaginário madeirense do século XVII, e os circuitos de divulgação de modelos para as periferias», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 2, Funchal, SREC/CEHA, pp. 229-337.
- RODRIGUES, Rita, 2012, *A Pintura Proto-Barroca e Barroca no Arquipélago da Madeira entre 1646 e 1750: A eficácia da imagem*, 2 vols., Funchal, UMa Dissertação de Doutoramento em Estudos Interculturais (policopiado).
- RODRIGUES, Rita, 2018, *Igreja de Nossa Senhora da Conceição – Machico*, Funchal, RAM/SRTC.
- SANTA CLARA, Isabel, 2004, *Das coisas visíveis às invisíveis. Contributos para o Estudo da Pintura Maneirista na Ilha da Madeira (1540-1620)*, 2 vols., Funchal, UMa, Dissertação de Doutoramento em História da Arte na Época Moderna, disponível em <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/615>.
- SANTA CLARA, Isabel, 2018, «Importações flamengas na 2.ª metade do século XVI: o exemplo das pinturas de Michiel Coxcie na Sé do Funchal», in *MASF Journal*,

- n.º 1, Funchal, pp. 107-109, disponível em https://issuu.com/masfunchal/docs/masf_journal_01.
- SERRÃO, Vitor, 1992, *A Pintura Proto-Barroca em Portugal: 1612-1657*, 2 vols. Coimbra, FLUC, Dissertação de Doutoramento em História da Arte (policopiado).
- SERRÃO, Vitor, 2012, «Impactos do Concílio de Trento na arte portuguesa entre o Maneirismo e o Barroco (1563-1750)», in PAIVA, José Pedro (coord.), *O Concílio de Trento em Portugal e nas Suas Conquistas: Olhares Novos*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, pp. 103-132.
- SERRÃO, Vitor, 2015, «A Diocese do Funchal na História da Arte em Portugal: a pintura quinhentista», in FRANCO, José Eduardo, COSTA, João Paulo Oliveira e (dir.), *Diocese do Funchal. A primeira Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidade*, vol. II, Lisboa, Diocese do Funchal, pp. 111-145.
- SERUCA, Henrique Farrajota, 2019, *A Cruz Processional da Sé do Funchal*, Lisboa, Edicarte.
- SILVA, Fernando Augusto da, 1936, *A Sé Catedral do Funchal – Breve notícia histórica e descritiva*, Separata do livro *A Diocese do Funchal*, Funchal, Ed. do Autor, Oficinas “O Jornal”.
- SOUSA, Francisco Clode de (coord.), 2014, *Madeira, do Atlântico aos Confins da Terra – 500 Anos da Diocese do Funchal (1514-2014)*, Funchal, Museu de Arte Sacra do Funchal.
- SOUSA, Francisco Clode de, PINTO, Graça Mendes (coord.), 2009-2010, *Obras de referência dos Museus da Madeira – 500 Anos de História de um Arquipélago*, Lisboa, Palácio da Ajuda / Galeria de Pintura do rei D. Luís I.
- TEIXEIRA, Luís M., 2003, «O retábulo-mor da Igreja Grande do Funchal», in *Monumentos*, n.º 19, Dossier Sé do Funchal, Lisboa, DGEMN/MOPHT, pp. 50-55.
- «tenilha», 2008-2020, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], disponível em <https://dicionario.priberam.org/tenilha>.
- TRINDADE, Cristina, 1999, *A Moral e o Pecado Público no Arquipélago da Madeira na segunda metade do Séc. XVIII*, CEHA/SRTC.
- VERÍSSIMO, Nelson, 2000, *Relações de Poder na Sociedade Madeirense do século XVII*, Funchal, SRTC/DRAC.
- VERÍSSIMO, Nelson, 2003, «A construção da Sé», in *Monumentos*, n.º 19, Dossier Sé do Funchal, Lisboa, DGEMN/MOPHT, pp. 18-21.